

**AÇÕES ARTÍSTICAS PÚBLICAS:
SUPERFÍCIES URBANAS EM ADERÊNCIA
HÍBRIDA**

Mariana Binato de Souza



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
MESTRADO EM ARTES VISUAIS**

**AÇÕES ARTÍSTICAS PÚBLICAS: SUPERFÍCIES
URBANAS EM ADERÊNCIA HÍBRIDA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Mariana Binato de Souza

**Santa Maria, RS, Brasil
2016**

AÇÕES ARTÍSTICAS PÚBLICAS: SUPERFÍCIES URBANAS EM ADERÊNCIA HÍBRIDA

por

Mariana Binato de Souza

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Artes Visuais, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS).

Orientador: Prof.^a Dr.^a Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

Santa Maria, RS, Brasil

2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Binato de Souza, Mariana
Ações artísticas públicas: superfícies urbanas em
aderência híbrida / Mariana Binato de Souza.-2016.
104 p.; 30cm

Orientadora: Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação
em Artes Visuais, RE, 2016

1. Colaboração 2. Ação Artística 3. Arte e tecnologia 4.
Hibridação 5. Contexto urbano I. de Fátima Berguenmayer
Minuzzi, Reinilda II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Mestrado em Artes Visuais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**AÇÕES ARTÍSTICAS PÚBLICAS: SUPERFÍCIES URBANAS EM
ADERÊNCIA HÍBRIDA**

elaborada por

Mariana Binato de Souza

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Artes Visuais

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.ª Dr.ª Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi
(Presidente/Orientador)

Prof.ª Dr.ª Andréia Machado Oliveira, UFSM

Prof.ª Dr.ª Eduarda Azevedo Gonçalves, UFPEL

Santa Maria, 28 de março de 2016.

À Cecy Flores Binato, meu maior exemplo de força e mulher, e ao seu maior sonho, seu bisneto, meu filho a caminho.

AGRADECIMENTO

Esta pesquisa possuiu inúmeras pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para a sua construção, todas elas foram indispensáveis para este projeto que trouxe muitos questionamentos, anseios e ações para o meu cotidiano.

Primeiro à minha família que construiu ao meu lado durante todos estes anos a crença na minha formação e nos meus ideais, Neca e Hugo que dedicaram-se sempre e que são os eternos responsáveis pelas minhas conquistas acadêmicas. À minha doce e calma irmã Ana Paula, que mais do que companheira de vida é e sempre será o porto seguro mais sólido que me sustenta e constrói.

Ao meu companheiro de jornada diária Dieison, que construiu ao meu lado uma vida em um terreno sólido, baseado no respeito, no amor, na crença e no incentivo ao que acredito.

À minha Avó, Cecy, o meu eterno obrigada por me deixar a maior e melhor herança de todas, o exemplo e o amor incondicional ao conhecimento e a vida.

À minha orientadora Reinilda Minuzzi que juntamente comigo construiu esta pesquisa com zelo e dedicação, trabalhando conjuntamente, sempre acreditando em meus projetos e principalmente por ser um exemplo docente a ser seguido.

Agradeço sobretudo à comunidade são-pedrense e aos colaboradores desta pesquisa que acreditaram em um projeto recheado de esperança e caminharam ao meu lado durante todas as etapas desta pesquisa.

Aos professores da comissão examinadora, pelos seus apontamentos e considerações que contribuiram para que esta pesquisa se consolidasse.

E por fim à CAPES e ao PPGART que financiaram e incentivaram esta pesquisa criando oportunidades para que fossem alcançados os objetivos e metas traçadas.

“Fiquei decepcionada e profundamente perturbada, e me voltei para as certezas do sentimento, em vez daquelas que nos ensinam. Se você aceitar suas incertezas internas torna-se responsável por seu próprio destino, deixa de depender das diretrizes do mundo exterior” (BOURGEOIS, 2001, p.349).

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós Graduação em Artes Visuais
Universidade Federal de Santa Maria

AÇÕES ARTÍSTICAS PÚBLICAS: SUPERFÍCIES URBANAS EM ADERÊNCIA HÍBRIDA

AUTOR: MARIANA BINATO DE SOUZA
ORIENTADOR: REINILDA DE FÁTIMA BERGUENMAYER MINUZZI
Santa Maria, 28 de março de 2016.

Permeando processos analógicos e digitais, o presente projeto abarca uma produção poética em artes visuais, no campo da arte e tecnologia, que se constitui como uma proposta de intervenções em superfícies urbanas, tendo como temática o território e elementos de cidades interioranas. O estudo, neste sentido, busca aproximar a arte pública e urbana das comunidades do interior, locais que ficam, em muitos momentos, à margem das manifestações artísticas contemporâneas, usualmente concentradas nos maiores centros urbanos. Desta maneira, tais ações artísticas públicas, propostas para serem partilhadas de maneira coletiva e colaborativa com o grupo envolvido, no que tange a sua constituição como projeto, são criadas a partir da interação e colaboração dos participantes, possibilitando com que os processos experienciados instiguem novos modos de subjetivação do indivíduo em sua relação com a arte no contexto atual.

PALAVRAS-CHAVE: Ação artística, colaboração, hibridação, contexto urbano, arte e tecnologia.

ABSTRACT

Master Degree Thesis
Post-Graduation Program in Visual Arts,
Federal University of Santa Maria

ACTIONS ARTISTIC PUBLIC: URBAN SURFACES IN HYBRID GRIP

AUTHOR: MARIANA BINATO DE SOUZA
SUPERVISOR: PROF.^a DR.^a REINILDA DE FÁTIMA BERGUENMAYER MINUZZI
Santa Maria, March, 28, 2016.

Permeating analog and digital processes, this project addresses a poetic production in visual arts in the field of art and technology, which is a proposal for interventions in urban areas, with the thematic territory and inner cities elements. The study, in this regard, seeks to approach the public and urban art of rural communities, places that are, in many instances, on the fringes of contemporary artistic manifestations, usually concentrated in the major urban centers. Thus, such public artistic actions, proposals to be shared collectively and collaboratively with the group involved, with respect to its constitution as a project, they are created from the interaction and collaboration of participants, allowing that the experienced processes instigate new modes of subjectivity of the individual in his relationship with art in the present context.

KEYWORDS: Artistic action, colaboration, hybridization, urban context, art and technology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Diário de bordo Mariana Binato de Souza	2
Figura 2 Imagem aérea da cidade de São Pedro do Sul. Fonte: Rafael Menezes	9
Figura 3 Convite da exposição “Arte & Design: Compartilhar Saberes”. Outubro 2014.....	11
Figura 4 Mediação na Mostra “Arte & Design”, com alunos do 5º ano da Escola Firmino Cardoso. Outubro 2014	12
Figura 5 Trabalhos de Design de superfície aplicados a tecidos. Outubro 2014.....	12
Figura 6 Projetos de Design de superfície. Outubro 2014.....	13
Figura 7 QR Codes referentes a intervenções urbanas. Outubro 2014.....	13
Figura 8 Trabalho cerâmico. Outubro 2014.....	14
Figura 9 Registro da fotografia analógica feita por Luiz Carlos de Assumpção, registro de Mariana Binato 2014.....	17
Figura 10 Registro I de comentários feitos na rede social Facebook na página www.facebook.com/spsartecolaborativa	23
Figura 11 Registro II de comentários feitos na rede social Facebook na página www.facebook.com/spsartecolaborativa	24
Figura 12 Intervenção na Praça Crescêncio Pereira com fotografia e QR Codes. Fevereiro 2015.....	26
Figura 13 Intervenção nos antigos locais de moradia do mendigo Geminário com fotografia e QR Codes. Fevereiro 2015.....	26
Figura 14 Intervenção na rodoviária e ponto de ônibus com fotografia e QR Codes. Fevereiro 2015.....	27
Figura 15 Divulgação oficina RUA - MAU. UNESP.....	32
Figura 16 Processo de produção do material para ser apresentado como resultado da oficina RUA – MAU.	33

Figura 17 Frames do vídeo apresentado como resultado da oficina RUA – MAU. ...	33
Figura 18 Apresentação do resultado da oficina RUA – MAU.....	34
Figura 19 Publicação na rede social Facebook #saopedrotemsím	37
Figura 20 Produções do projeto Paredes Pinuras de Monica Nador.....	41
Figura 21 Marlene Bergamo, 2009, registro fotográfico Projeto paredes pinturas. ...	42
Figura 22 Convite para o projeto ResgateStencil. Fevereiro 2015.	44
Figura 23 Desenhos e interpretações com base nas fotografias antigas da cidade. Março 2015.....	48
Figura 24 Projeto em tecido integrando os stencils criados no laboratório.	51
Figura 25 Processo de criação dos colaboradores do projeto ResgateStencil. Março 2015.....	52
Figura 26 Colaboradores envolvidos no projeto ResgateStencil. Março 2015.	53
Figura 27 Exposição dos tecidos criados com os colaboradores do Projeto ResgateStencil na Praça Crescencio Pereira. Março 2015.	54
Figura 28 Material entregue na Intervenção Urbana Perca Tempo.....	57
Figura 29 Registro da intervenção Perca Tempo	58
Figura 30 Intervenção artística Leilão Piolho Nababo Muros Territórios compartilhados.	59
Figura 31 Ação Urbana Lugar em Bauru – SP.....	61
Figura 32 Convite disponibilizado em rede social à comunidade sãoopedrense para vivência artística.	64
Figura 33 Ação Urbana Lugar em São Pedro do Sul. Fonte: https://www.instagram.com/p/_IRMwBprMq/?tagged=aul_saopedrosul_09	65
Figura 34 Projeto participante 1 para Exposição coletiva.....	67
Figura 35 Projeto participante 2 para Exposição coletiva.....	68
Figura 36 Projeto participante 3 para Exposição coletiva.....	68
Figura 37 Registro fotográfico da intervenção em São Pedro do Sul.....	71
Figura 38 Códigos Bidimensionais expostos na mostra do Grupo de Pesquisa Arte e Design, 2014.....	72
Figura 39 Exemplo de interação a partir da Plataforma Layar.	77
Figura 40 Tela de visualização do aplicativo Layar.	78
Figura 41 Processo de interação com a plataforma Layar.	78
Figura 42 Imagens em sequencia expostas no aplicativo Layar.	79

SUMÁRIO

Resumo	x
Abstract	xi
Lista de Figuras	xii
Sumário	xiv
Introdução	1
Capítulo 1	6
Superfícies urbanas, interação e colaboração	6
1.1. Superfícies urbanas	6
1.2. Interagir e colaborar	8
Capítulo 2	39
Colaborar e interagir, um processo coletivo.....	39
2.1. Autoria compartilhada	39
2.2. Colaborações coletivas	55
Capítulo 3	70
Hibridações coletivas	70
Considerações finais	82
Referências	86
Apêndice A	89
Apêndice B	95
Anexo A Termo de consentimento dos colaboradores do laboratório Resgatestencil	103
Anexo B Termo de consentimento Mariza Polenz	104

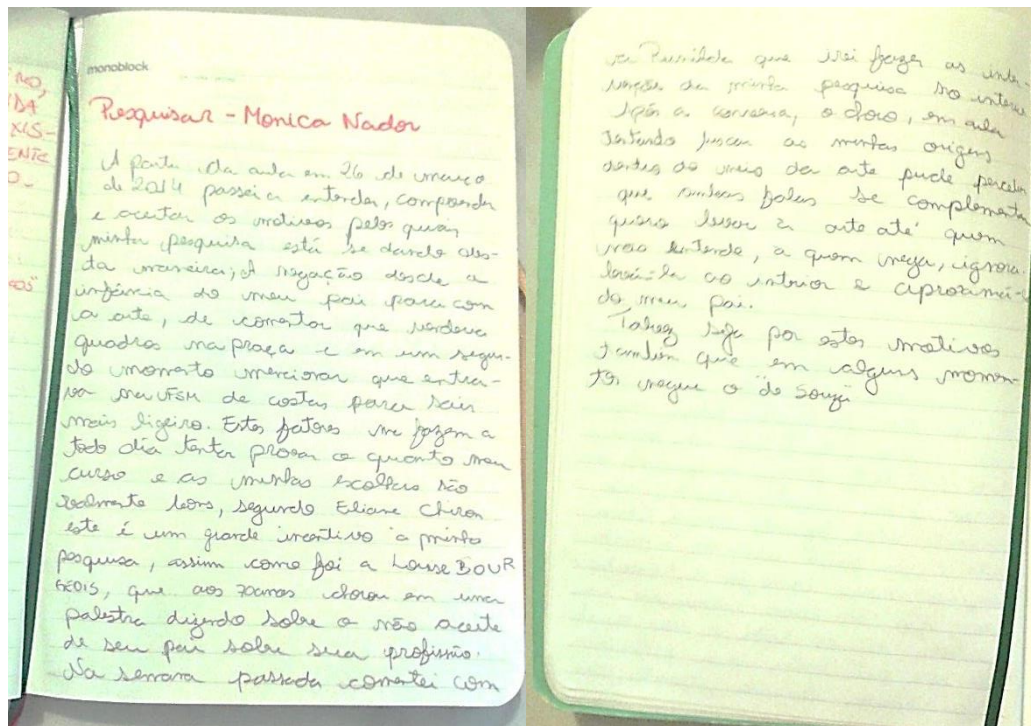
INTRODUÇÃO

Muitos comentam que uma pesquisa em artes visuais precisa partir do pesquisador, de seus interesses, de suas experiências e principalmente de seus questionamentos, mesmo esta sendo uma tarefa árdua, pois faz refletir sobre o que nos incomoda e nos desestabiliza. Mas foi assim que esta pesquisa nasceu: dos anseios em viver em uma comunidade pequena, no caso a cidade de São Pedro do Sul/RS, com muito potencial a ser explorado dentro do contexto artístico, urbano e tecnológico.

Dessa forma, em 2014, a intenção deste estudo iniciou com muitas dúvidas recorrentes, em relação ao desafio de inserir-se em uma comunidade conhecida, mas de uma maneira diferente, agora como proponente. Colocar-se no centro da pesquisa significa revisitar nossas escolhas, a maneira como nos relacionamos com nosso entorno, como nos afetamos com nossas recordações, como nos construímos como sujeitos no contexto social, cultural, familiar e como construímos nossa história pessoal. Estes fatores constituem uma base para o processo de pesquisa e dependem exclusivamente, em um primeiro momento, de nós mesmos, nós somos os responsáveis por construirmos e elegermos temáticas e conceitos que partem dos anseios e questionamentos pessoais que serão aprofundados e estudados a partir da pesquisa.

Durante um encontro com a artista e pesquisadora Eliane Chiron, em março de 2014, fomos, eu e meus colegas de mestrado, instigados a pensar qual nossa primeira lembrança de infância e o que esta lembrança tinha a ver com nossas escolhas profissionais. Este pensamento foi desencadeador de registros e reflexões pessoais referentes à produção poética que nascia, integrando páginas de meu Diário de Bordo.

Figura 1 Diário de bordo Mariana Binato de Souza



outro; assim, percebemos que o trabalho poético e a pesquisa tomam forma e acontecem de maneira consistente e híbrida.

Muitas vezes este início, a partir dos próprios questionamentos, se mostra ainda muito distante, porém precisamos criar o hábito do exercício de nos colocarmos em nossa pesquisa a todo instante e fazermos as perguntas: “Onde de fato eu estou dentro desta pesquisa? O que esta pesquisa diz de mim e da minha trajetória?”. Não se ignora nenhum tipo de afeto, nenhum tipo de diário de bordo, ou trajeto cotidiano, todas as relações que construímos diariamente podem fazer parte do processo da pesquisa e do ato de se colocar no projeto.

Algumas propostas artísticas atuais que se estabelecem no campo da tecnologia, as quais serão mencionadas no decorrer deste texto, estabelecem uma parceria de criação com as mídias digitais e favorecem, mutuamente as partes envolvidas, tecnologia, arte e espectadores/colaboradores. O processo de hibridação entre estes campos acontece naturalmente visto que a tecnologia, com o passar dos anos, se revelou de maneira constante no cotidiano das pessoas, e assim no contexto artístico, arte e vida continuam caminhando lado a lado no contexto contemporâneo.

Nesta direção, a presente pesquisa busca explorar formas colaborativas de inserção da arte e da tecnologia no contexto urbano de São Pedro do Sul, cidade gaúcha, vizinha a Santa Maria, emancipada em 22 de março de 1926 que conta com uma população média de 17 mil habitantes, sendo boa parte moradora da zona rural. Esta cidade, como muitas outras comunidades pequenas, possui ícones e peculiaridades características que os habitantes já estão acostumados, pois muitos vivem no local desde que nasceram, assim como seus pais, avós.

O capítulo 1, *Superfícies urbanas, interação e colaboração*, aborda a temática referente às superfícies urbanas, tratando de revelar como as camadas da cidade, sejam elas superficiais ou culturais, interferem no processo de inserção em determinados espaços em que se pretende trabalhar e de que maneira a interação e a colaboração estão presentes nesta pesquisa, revelando algumas das ações realizadas que tiveram como principal foco a interação do público de maneira colaborativa, ou seja, trazendo ao projeto dados, informações e ações relevantes para a comunidade.

O capítulo 2, *Colaborar e interagir, um processo coletivo*, revela a ação de alguns os coletivos urbanos que utilizam a autoria compartilhada como principal fator para a criação e ação de seus projetos. O capítulo ainda revela algumas ações realizadas nesta pesquisa com a temática semelhante a da autoria compartilhada com enfoque na colaboração.

Hibridações coletivas, é o terceiro e último capítulo que trata das hibridações presentes na pesquisa, revelando que estas se dão no campo da arte e da tecnologia e nos espaços da esfera do espaço físico, em que são hibridizadas culturas e vivências.

Este trabalho conta ainda com dois apêndices, um contendo fotografias que complementam a pesquisa e o outro com o texto criado colaborativamente com o Grupo de Pesquisa Arte e Design CNPq - UFSM.

As intervenções urbanas de autoria colaborativa são o principal foco do projeto, que busca criar dispositivos à população como uma maneira de fazê-la perceber suas ações dentro do contexto urbano e em relação ao desenvolvimento cultural local, que se constrói diariamente dentro da comunidade a partir dos processos involuntários de subjetivação dos sujeitos envolvidos. Permitir rever os locais cotidianos e resignificar os conceitos e olhares acerca do que já faz parte da vida da população local revela problemáticas diferentes e lacunas propícias à inserção e ao deslocamento da arte e da tecnologia.

Os símbolos e características da cidade como a praça central que agrupa o comércio local em sua volta e as festividades nos finais de semana, o tradicional Clube do Comércio que reúne a sociedade para reuniões e bailes desde sua fundação em meados da década de 30, as características festas de igrejas no interior aos finais de semana, os conhecidos populares, moradores de rua que carregam consigo diferentes histórias no imaginário das pessoas e, talvez, a principal característica de pequenas cidades, a receptividade e o fato da maioria dos habitantes se conhecerem e possuírem algum tipo de parentesco distante ou amizade de longa data, são fatores que reforçam a relação que todos possuem com os interesses locais, havendo, em muitos casos, um engajamento da população para o desenvolvimento de projetos e de ações que beneficiem a cidade.

Estas peculiaridades fazem com que a receptividade em conhecer novas propostas, que tenham o objetivo de envolver a comunidade, pareçam melhor

recebidas por boa parte das pessoas, pois em sua maioria buscam trazer à população envolvimentos diferentes em busca de uma satisfação de todos com a cidade que habitam. Tais características fizeram-me acreditar que ações artísticas colaborativas poderiam contribuir para que os habitantes desta cidade pudessem perceber seu contexto de modo distinto daquele olhar cotidiano usual, criando coletivamente um movimento diverso do que estão habituados.

Capítulo 1

SUPERFÍCIES URBANAS, INTERAÇÃO E COLABORAÇÃO

1.1. SUPERFÍCIES URBANAS

O que rodeia o sujeito urbano nos dias de hoje faz parte de um conjunto de superfícies que estampam o cotidiano de cada um, como experiências estéticas pelas quais se é envolvido diariamente, as quais configuram um processo de ressignificações individuais e coletivas. Estas superfícies carregam consigo discursos visuais na camada superficial da cidade, nos muros, nas construções, nos tecidos, nos corpos, elementos estes que são envolvidos, cobertos, por uma camada que, em conjunto com o contexto social ao qual estão inseridos, dão origem a pele, a camada epitelial do espaço urbano no qual habitamos e com o qual dialogamos.

Assim como a pele revela dados vitais sobre o corpo, as superfícies da cidade nos revelam também a vitalidade desse corpo social. As superfícies urbanas formam a camada epitelial da cidade. A pele da cidade também é formada por seus suportes característicos e por intervenções vivas nesses materiais. Ações com finalidades estéticas e ideológicas ou, simplesmente, marcas da relação homem cidade. Desenhos na superfície – marcas do acaso – convivendo com o design de superfície, estruturas visuais projetadas que interferem de forma intencional na superfície urbana (RIBEIRO, 2007, p.15).

Este diálogo entre o que constrói a cidade, no sentido de suporte, com o que a envolve, se configura através de um processo de envolvimento; as superfícies se estabelecem a partir de um arranjo estético, porém só se constituem como elemento superficial a partir do momento em que são integradas a algo ou alguém. A construção estética epitelial possui um potencial que além de estampar, envolve o

sujeito que a vê, sendo assim um elemento circunstancial na interação do sujeito espectador com os elementos da cidade.

Desta forma entendemos a superfície como:

[...] aquilo que está à tona, que emerge de uma estrutura recoberta por ela mesma ou por algo que é aderido a um corpo em as parte externa. Mesmo pensando na sobreposição pela aderência, interferência de fora para dentro, uma superfície exhibe um contexto visual que é superficial por sua situação física, mas não por uma ausência de amarrações entre demandas estéticas, simbólicas, ideológicas ou sociais. A densidade da superfície esta no seu entrelaçamento com as questões do mundo e não com um enraizamento exclusivo no seu objeto suporte (RIBEIRO, 2007, p.15).

Os espaços urbanos e cotidianos são constituídos em seu todo por superfícies. Estes espaços dialogam tanto com os sujeitos que o habitam quanto com as superfícies que o envolvem e, desta maneira, reconfiguram-se como território. Ribeiro (2007) comenta sobre as intervenções nestes espaços urbanos, dizendo que elas se somam às histórias comuns passando a ser uma história de autoria coletiva, ou seja, onde todos, sujeito, espaço e intervenções dialogam e contribuem para uma vivência construída em conjunto a partir de fabricações coletivas.

Estas vivências e correlações que se estabelecem a partir das interações de elementos cotidianos pós-modernos, com o sujeito urbano, são peças chave para a nova estruturação do que hoje configura o processo de construção identitária de cada um. Pelbart (2000, *apud* PEREIRA, 2007) entende que a subjetividade não é algo abstrato, mas sim faz referência a vida, as maneiras de sentir, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar.

Por sua vez, Ribeiro (2007) define a subjetividade como sendo:

A ideia de subjetividade tem sua origem na concepção de sujeito que, a priori, seria o elemento fundador do conhecimento, ou seja, condição para tal. Porém, essa construção, a princípio individual a que chamamos subjetividade, se faz pelo mesmo processo em que produzimos o conhecimento compartilhado socialmente: por apropriações das referências externas. [...] O que chamamos de subjetividade é a assimilação particular de construções simbólico coletivas. O substrato que preenche de forma mais veloz esse espaço subjetivo individual é a matéria visível, são as imagens geradas na superfície do mundo, de seus objetos, ambientes e corpos (RIBEIRO, 2007, p. 17 - 19).

A partir das imagens geradas na superfície do mundo e do processo de relação do sujeito urbano com as mesmas é que se constroem os discursos sobre a subjetividade coletiva, ou seja, de que maneira esta interação entre sujeito e superfícies urbanas cotidianas ocorre, como se relacionam, e qual o produto destas experiências coletivas.

O resultado da produção de conhecimento a partir do processo comunicativo que as superfícies proporcionam ao indivíduo possui potencial para recriar novas superfícies estampadas, com o intuito de produzir novos discursos visuais a fim de propiciar a novos sujeitos diferentes subjetividades, reforçando o processo de ser uma prática reflexiva constante. Tal troca de conhecimento fomenta novos diálogos subjetivos que tem na superfície seu despertar; são as estampas urbanas, as superfícies da cidade, que carregam consigo esta capacidade relacional, as superfícies são ainda elementos imateriais que intensificam a capacidade produtiva contemporânea criando novas vivências dentro do espaço urbano, como afirma Ribeiro (2007).

1.2. INTERAGIR E COLABORAR

Ao iniciar um levantamento dentro do contexto da cidade de São Pedro do Sul sobre as demandas culturais que envolviam a comunidade e entender em que brechas as propostas desta pesquisa de Mestrado poderiam ser relevantes à cidade e à população, percebi que os tradicionais espaços expositivos da cidade eram pouco explorados tanto pelo público produtor e espectador de arte quanto pelas entidades executivas, pois um dos únicos espaços para este fim estava sendo utilizado como uma sala de reuniões. Mesmo com uma subutilização, havia intenções de modificação a respeito da exploração deste ambiente, que se acha inserido na Casa de Cultura de São Pedro do Sul, uma construção muito antiga que abrigou durante muitos anos o extinto Clube União, o qual promovia o encontro da sociedade da época em bailes e reuniões da comunidade. Apesar da vontade dos órgãos públicos de reativarem este ambiente expositivo, havia ainda alguns impeditivos quanto à finalização da reforma e verbas para esta conclusão. O referido

local conta com dois ambientes, sendo em sua parte maior constituído por palco e 180 cadeiras, semelhante a um teatro e, em sua parte menor, um espaço destinado a exposições.

Em outubro de 2014, em contato com a Prefeitura Municipal, propus um projeto de exposição com o intuito inicial de fazer um resgate de trabalhos criados por mim, tanto durante o Curso de Graduação em Artes Visuais quanto durante a Pós-Graduação em Design de Superfície, buscando perceber quais seriam as impressões do público espectador frente a uma atividade há tempos esquecida na cidade, principalmente em relação ao tipo de trabalho exposto, visto que seria algo diferente do que boa parte das pessoas espera de uma exposição de artes. Assim durante a Semana da Cultura, foi realizada uma mostra que apresentou trabalhos e projetos de Design, vinculados à graduação em Artes Visuais e Pós-Graduação em Design de Superfície. O processo de organização da mostra iniciou em agosto a partir da aprovação da Secretaria de Esportes da cidade, setor que é responsável pela extinta Secretaria da Cultura. Na ocasião, foi criado um projeto que pudesse se adequar ao espaço expositivo da Casa de Cultura e que tivesse algum tipo de “atrativo” à comunidade.

Figura 2 Imagem aérea da cidade de São Pedro do Sul. Fonte: Rafael Menezes



Durante este processo de adequação, tanto do espaço quanto dos trabalhos expostos para a realização da mostra, foram feitos questionamentos que colocaram em evidência a falta de vivência de algumas pessoas com a arte contemporânea, fatos estes que ocorrem cotidianamente nos espaços expositivos, bem como com a relação contemporânea da organização expográfica que rompe as barreiras dos tradicionais métodos de pendurar obras em paredes. No ambiente em que a exposição seria montada não havia possibilidade de nada ser pendurado, nem com fios de nylon, como usualmente os espaços possibilitam, fui assim avisada do problema e imediatamente da solução, pois me foi sugerido colocar todos os trabalhos em cavaletes. O empecilho encontrado para o processo de montagem foi descartado, visto que a maioria dos trabalhos poderia se adequar ao ambiente de diferentes maneiras, pois não se tratava de telas pintadas como muitos poderiam imaginar.

Estes questionamentos me fizeram perceber que as pessoas que já sabiam que haveria uma exposição artística, talvez estivessem esperando outro tipo de artista, talvez alguém que somente pinta telas durante dias a fio e no final mostra uma série de primorosos desenhos realistas.

A “Mostra Arte & Design Compartilhar Saberes” revelou à comunidade são-pedrense que os trabalhos artísticos contemporâneos vão muito além do que geralmente se vê em museus, galerias ou espaços mais tradicionais dedicados à arte, podendo explorar diferentes materiais e temáticas, assim como os projetos de design que abarcam distintas superfícies e são norteados por empresas, temas, conceitos. Uma dos objetivos desta mostra foi atingir o maior número de pessoas a fim de que pudessem ter uma aproximação com produções artísticas diferentes e “fora da moldura”.

Parte da expografia foi organizada a fim de que pudesse haver uma cronologia e também um direcionamento da mostra, facilitando a mediação com Escolas do Município e do Estado que tivessem interesse em levar os alunos até o ambiente expositivo da Casa de Cultura de São Pedro do Sul. A Escola Estadual Firmino Cardoso Júnior aderiu massivamente à proposta, levando todas as suas turmas de alunos do segundo ao nono ano do ensino fundamental durante os turnos da manhã e tarde. A mediação com os alunos construiu um elo entre pais, alunos e a exposição, pois muitas das visitas posteriores à mostra aconteceram a partir do

convite dos alunos aos seus familiares. O interesse foi notável, tanto dos adultos quanto do público infantil, despertando curiosidade e questionamentos a respeito de materiais, como eram criados os projetos, os desenhos das estampas, as peças em cerâmica e principalmente os códigos bidimensionais (QR-Code), os quais foram reconhecidos pela maioria, pois estão muito presentes no cotidiano das pessoas.

A exposição aconteceu durante todo o mês de outubro de 2014 na Casa de Cultura, contou com a presença de cerca de 250 pessoas e parece ter tido uma repercussão clara na comunidade são-pedrense, pois trouxe retorno dos visitantes, através das redes sociais, de maneira muito intensa e interessada, envolvendo quem ainda não havia visitado o espaço expositivo.

Figura 3 Convite da exposição “Arte & Design: Compartilhar Saberes”. Outubro 2014.



Figura 4 Mediação na Mostra “Arte & Design”, com alunos do 5º ano da Escola Firmino Cardoso. Outubro 2014



Figura 5 Trabalhos de Design de superfície aplicados a tecidos. Outubro 2014.



Figura 6 Projetos de Design de superfície. Outubro 2014.



Figura 7 QR Codes referentes a intervenções urbanas. Outubro 2014.



Figura 8 Trabalho cerâmico. Outubro 2014.



Este entrosamento da comunidade com os trabalhos expostos, tanto no sentido do interesse à visita, quanto em relação aos posteriores encontros e questionamentos, fizeram-me perceber que, mesmo ainda muito comedidamente, esta comunidade estava aberta e disposta a vivenciar a arte e as experiências artísticas propostas. Esta vivência inicial de aproximar a sociedade são-pedrense à experiência estética artística contemporânea, desconstruindo conceitos e paradigmas faz parte do início de um processo de transformação cultural, que provoca na própria sociedade reflexões, como foi exposto por uma das visitantes da mostra, questionando em que tipo de sociedade estamos vivendo, de que cultura vamos nos servir, se a mesma está esquecida ou é tida como a menor das prioridades. Sobre o assunto, vale lembrar as colocações de Laddaga:

Em qualquer momento da história, em qualquer lugar, uma ação destinada à composição de imagens, palavras ou sons, desenvolvida com o objetivo de afetar um indivíduo sozinho ou entre outros e forçar o seu fascínio ou espanto (suponhamos que esse seja o mínimo denominador comum de tudo aquilo que chamamos de “arte”), é realizada no interior de uma cultura: não há produção artística que possa ser realizada sem que os agentes da operação tenham uma ideia de que tipo de pressuposição porão em jogo aqueles indivíduos ou aqueles grupos aos quais esta destinada; nem esses indivíduos a receberão sem antecipar que tipo de coisa podem esperar que lhes aconteça ali onde se encontram, confrontados, precisamente, com tais textos e imagens (LADDAGA, 2012, p. 33).

As relações sociais e a essência cultural da cidade podem ser as bases para que as mudanças aconteçam e, mesmo que vagarosamente, podem ser as responsáveis pelos rumos da futura comunidade são-pedrense, que terá ou não uma bagagem de diferentes experiências sociais e culturais. Porém tais mudanças e novas manifestações necessitam de um renascimento, a fim de instigarem a população para que o interesse parta dela.

Observando estes aspectos na cidade, nota-se que em determinados momentos parece haver uma acomodação no sentido de buscas por novas atividades culturais e experiências artísticas. Durante muitos anos alguns projetos ainda vigoravam dentro da cidade, porém perderam a força na medida em que os interesses das pessoas foram mudando, iniciando um processo de apatia e desesperança sobre quaisquer mudanças. Assim, mesmo percebendo este pouco incentivo e falta de busca pelo incomum e pelo diferente, as propostas do estudo em questão passaram a ter o papel de dispositivos, onde muito mais que ilustrar, explicar e apenas mostrar os conceitos sociais buscaram instigar questionamentos, suscitar dúvidas, repensar os direcionamentos de olhares, refazer perguntas, trazendo à sociedade são-pedrense uma nova maneira de perceber a vida dentro de um contexto social singular, a partir de experiências e vivências únicas que podem ser transformadoras.

Tais dispositivos, criados a partir deste projeto de pesquisa, têm o intuito de questionar a população sobre o que espera da cidade, sobre o que oferece individualmente à cidade e principalmente em relação as suas responsabilidades dentro do contexto social no qual se insere. Buscar, a partir da arte, brechas para que as pessoas possam perceber seu papel dentro da sociedade não somente como espectadores - que aguardam as mudanças acontecerem sem agir, repassando suas responsabilidades cidadãs para os outros por acreditarem que não possuem nenhum tipo de vínculo, obrigação ou responsabilidade de exercer algo para a cidade e pela população - mas como ativadores culturais, pessoas engajadas com o bem estar do espaço urbano que é público e precisa de ações coletivas do público.

Inseridos na cidade por meio da arte, estes dispositivos são, na verdade, meios criados para a população experimentar a cidade, para que todos se relacionem com ela, criando no espaço público um laboratório de vivências que além

de beneficiar a cultura local favorece também a reestruturação e ressignificação da subjetividade dos envolvidos, os interatores.

Em determinado momento do processo de adequação do projeto da exposição fui convidada a visitar a reforma que estava acontecendo no Museu Histórico Fernando Ferrari, o qual se situa na antiga casa de um deputado são-pedrense. Ao adentrar na primeira sala de exposição, que engloba uma série de fotografias antigas da cidade, bem como os equipamentos do estúdio fotográfico completo de um antigo morador, deparei-me com uma imagem que fez parte de minha infância e me acompanhou durante muitos anos, sobre a qual sempre me questionei onde poderia estar. Geminário, assim conhecido por todos, era um mendigo que fazia parte das ruas de São Pedro do Sul, morava em ruínas antigas abandonadas no centro da cidade e vivia da caridade das pessoas que lhe davam o que comer. Lembro-me desta fotografia em uma locadora da cidade, pois havia sido feita pelo, na época, dono do estabelecimento, Luiz Carlos de Assumpção, formado em Artes Plásticas pela UFSM na década de 80 e que possuía um estúdio fotográfico, quando a grande maioria da população dirigia-se até lá para ter sua imagem eternizada através das suas lentes. Careca, como era conhecido o “artista fotógrafo locador de filmes” pode, através daquela fotografia, registrar de maneira particular um personagem da cidade, com suas vestes características, um cobertor enrolado ao corpo, e suas feições já marcadas pelo tempo.

Figura 9 Registro da fotografia analógica feita por Luiz Carlos de Assumpção, registro de Mariana Binato 2014.



Fiz um registro fotográfico digital do original analógico, pois acreditei que muitas pessoas que conviveram com Geminário não sabiam que aquela fotografia estava tão próxima de todos. Ao publicá-la em rede social¹ percebi que, além de mim, outras pessoas puderam se transportar ao passado através daquela imagem, relembrando muito do que fora esquecido em virtude do tempo. Os relatos, de amigos e conhecidos que já não moram mais na cidade, sobre a história deste homem, deram abertura às pessoas para que contassem histórias da própria cidade de modo particular, pois cada um sabia sobre o passado de Geminário de uma maneira. Assim, a partir deste dispositivo, foram relatados acontecimentos da época pela voz de cada um que se dispôs a dividir suas lembranças com base em seu imaginário pessoal. Da mesma forma, surgiram muitos questionamentos acerca da identidade do referido personagem.

Laddaga traz a terminologia Ecologias culturais para se referir as suas propostas e estratégias de trabalho para com os projetos, facilitadoras da ativação e interação criativa.

¹ Em um primeiro momento a imagem foi veiculada na página pessoal da rede social Facebook.

E quando digo que nos projetos nos quais me deterei se esboça a invenção de outra cultura das artes, me refiro à invenção de uma cultura em que o motivo da separação que se produz como condição para a exposição de uma exterioridade absoluta é secundarizado. E em que, portanto, se secundariza esta outra cena típica: a que vincula um autor retirado com um espectador ou um receptor mediante um objeto discernido (ao mesmo tempo que seu cancelamento apocalíptico). O que resultará em nos encontrarmos, com uma frequência cada vez maior, com indivíduos que, em nome da vontade de explorar as relações entre as produção de textos ou de imagens e a vida das comunidades, se obstinam em participar da geração de pequenas ou vastas ecologias culturais em que a instância da observação silenciosa, ao mesmo tempo que a distinção estrita entre receptores é reduzida (LADDAGA, 2012, p. 48).

Os relatos das pessoas bem como as vivências que cercam o pensamento e a memória da sociedade são-pedrense são os elementos fundamentais para a consolidação da cultura daquele lugar. Podemos entender que a cultura é construída a partir da fusão entre a história da cidade, a história das pessoas e a relação de ambas com a cultura midiática que se insere no cotidiano das pessoas - estejam elas onde estiverem - estes elementos formam a cultura a qual estamos envolvidos, de uma maneira híbrida, dentro de um universo que se consolida a partir das referências históricas e das mudanças pós-modernas que acontecem tão intensamente. Em relação ao assunto, Canclini defende que:

A expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridização cultural (...). Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica e heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação. (CANCLINI, 1997, p. 285).

Embora a cidade de São Pedro do Sul esteja distante fisicamente de muitos dos polos tecnológicos, o processo de globalização e o encurtamento das distâncias faz com que grande parte das regiões sejam integradas às evoluções tecnológicas e as inclui na velocidade dos fluxos contemporâneos. Nos locais onde a crescente evolução é evidente, caminha-se lado a lado às referências históricas que construíram as pequenas cidades, jovens conectados convivem junto de seus avós ainda relembrando o passado. Estes fatos ocorrem em muitos lugares, a diferença

se dá no ato de não se deixar de lado estas referências antigas que ainda convivem muito bem com o contexto atual e explicam este processo híbrido, rico de diferentes tempos em um mesmo momento.

A partir da imagem mencionada anteriormente, que fazia parte da cultura local da cidade, a foto do mendigo, percebi que poderia dar voz à comunidade a partir de um personagem como um dispositivo, afinal quem seria Geminário? Um homem que existiu na década de 60? 70? 80? 90? Ele existiu? Tinha passado? Quais eram os seus vícios e suas identidades? A possibilidade de ler e ouvir os diferentes relatos permitiu que as pessoas pudessem criar e dar voz às suas histórias e imaginações, trazendo à tona parte da cultura histórica da cidade que fez parte da vida de muitos são-pedrenses.

Em fevereiro de 2015 foi criada uma página vinculada à rede social Facebook denominada #SPSArteColaborativa, com o objetivo divulgar as ações artísticas, sejam elas públicas, urbanas, colaborativas ou não, a fim de que a comunidade são-pedrense pudesse ter acesso através das redes sociais e não somente a partir dos veículos tradicionais de informação como rádio e jornais impressos. Nesta página a comunidade são-pedrense foi convidada a contar seus relatos sobre as histórias de Geminário, suas lendas, sobre o passado do mendigo, as vivências que acompanharam todos durante boa parte da infância e adolescência. A interatividade que a página propiciou ao projeto foi de grande valia, pois a população teve a possibilidade de rever o rosto de alguém que já havia sido esquecido pela maioria, o fato de se depararem com uma imagem remota dentro de uma rede social completamente tecnológica fez com que algumas pessoas relatassem o sentimento de certo choque e talvez espanto visto que as lembranças que vieram à tona faziam parte de uma realidade distante e adormecida.

Dentro do contexto contemporâneo alguns dispositivos, como, neste caso, a imagem do mendigo, trazida para o contexto social da população são-pedrense através das redes sociais, constroem lugares de experiência, mesmo que os interatores já possuam experiências de vida com as imagens que são disponibilizadas ou veiculadas, o observador é convidado a participar daquela ação que tem como dispositivo determinada imagem. Estas imagens incentivam a produção de uma experiência ao longo do processo de interação entre o dispositivo e o espectador, esta relação em muitos casos está atrelada às referências de

subjetividade que cada sujeito constrói a partir das suas relações. Conforme define Agamben:

Dispositivo passa a ser “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interpretar, modelar, controlar, assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. Dividindo todo o existente em duas grandes categorias, os viventes e os dispositivos, Agamben trata de revelar como o dispositivo atua naquilo que denomina processo de subjetivação: “Chamo sujeito o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos” (AGAMBEN 2009, p.12-13).

A partir das relações posteriores ao encontro entre o sujeito e o dispositivo é que qualquer tipo de experiência e subjetivação pode ser construído e reconhecido, sem que haja pré-definições. Mesmo que um dispositivo seja experienciado por diversos sujeitos, cada um constrói, a partir de suas vivências anteriores, sua relação com este dispositivo, não sendo a mesma para os interatores.

O dispositivo de imagem do Geminário percorreu a rede social por diversos dias, pois além das pessoas deixarem seus relatos sobre o mendigo, convidavam seus amigos e familiares a relatarem também suas vivências com ele e compartilhavam a imagem. A interação a partir da rede social rendeu cerca de 60 comentários, 115 curtidas, 176 compartilhamentos da imagem e 11.788 visualizações. Pessoas que se interessaram em colaborar com o projeto e reviver suas histórias passadas. Tais fatos dizem muito da cidade e também da identidade da sua população que se constrói a partir das vivências cotidianas de maneira social e subjetiva a partir de trocas e correlações.

Como afirma Stuart Hall (2006, p. 238), “não existe uma ‘cultura popular’ íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo das relações de poder e de dominações culturais”. Desta maneira podemos entender que a cultura na qual estamos inseridos é mutante, transformada e transformadora, pois a cada instante acontecem fatos isolados que vão interferindo sucessivamente no contexto e no entorno o qual estamos envolvidos. A ideia de domínio cultural e de construção de uma sociedade baseada em determinados direcionamentos sociais e intelectuais, sem que haja interferências externas, não existe mais no contexto pós-moderno.

Cada espaço possui características próprias baseadas nas referências dos sujeitos que habitam este lugar, na história do lugar e principalmente nas relações que estabeleceu com o passar dos anos. Inevitavelmente os espaços se transformam à medida que as relações mudam, é uma relação recíproca em que a mudança de um acarreta na mudança do outro. Na pós-modernidade não há espaço para sujeitos passivos que apenas acatam as mudanças do entorno sem que eles próprios possam interferir neste lugar que habitam. Bauman (1998) entende que o senso de comunidade se constrói a partir de interesses comuns, onde há um deslocamento de sentidos dentro do espaço urbano e a utopia por comunidades consolidadas acontece a partir da ideia de micro sociedades idealizadas. Com o passar dos anos a própria sociedade passou a perceber seu papel dentro do contexto cultural da cidade muito mais do que como espectadores da vida da cidade, mas sim como próprios autores dos acontecimentos sociais, como peças chave para o desenvolvimento da economia, da política, também e, principalmente, do processo evolutivo da construção social e cultural do local onde se vive.

Com o intuito de englobar, à coleta de comentários já iniciada em redes sociais, outras pessoas que não compartilham do convívio social digital, busquei proporcionar um momento de partilha na Praça Crescêncio Pereira durante um dia. Montei uma espécie de tenda para receber as pessoas que tinham interesse de colaborar com o projeto de maneira ativa através de comentários e também com a intenção de encontrar mais imagens que pudessem mostrar a história da cidade e da sociedade em outras épocas. O convite foi veiculado através do jornal local que percorre a cidade semanalmente e também através da página do projeto na Rede Social Facebook. O convite para a participação do encontro também foi uma maneira de familiarizar a população às posteriores intervenções, assim no espaço utilizado no jornal já foram inseridos QR Codes que direcionavam os interatores à Fanpage do projeto. A imagem do mendigo também estampou o jornal causando certo estranhamento aos leitores costumeiros.

Durante o dia marcado para a montagem da tenda - que seria um espaço de conversa e troca de ideias com a população - a cidade estava em um dia útil e de grande movimentação bancária, pois se tratava do início do mês de fevereiro. Distribuí imagens do Geminário próximas à tenda para despertar a curiosidade das pessoas caminhantes, organizei cadeiras e bancos assim como uma caixa de som

que veiculava o convite para as pessoas se aproximarem do local para conhecer o que estava sendo proposto, mas também serem questionadas sobre a cidade, a relação entre a arte e a vida delas e principalmente sobre as suas histórias com aquele espaço que habitavam. Durante o tempo que fiquei na praça poucas pessoas quiseram parar para conversar sobre a cidade ou saber do que se tratava o projeto, alguns passavam e olhavam as imagens de maneira curiosa, mas não se interessavam em questionar sobre o que aquelas fotografias faziam ali no caminho de passagem e quando eram surpreendidas/abordadas se conheciam a pessoa da fotografia, seguiam seu trajeto. Algumas pessoas conhecidas vieram perguntar sobre o que eu estava fazendo naquele lugar, perguntaram sobre a pesquisa acadêmica e mostraram simpatia e incentivo à proposta, mas sem interesse em colaborar efetivamente com o projeto.

Diferentemente da ação no contexto urbano, a relação de interação digital do projeto quis proporcionar às pessoas um espaço para dar voz e liberdade ao que pensam acerca de sua parcela de colaboração, seja sobre o projeto ou em relação à cidade e seus questionamentos diários sobre as necessidades sentidas frente às demandas sociais e culturais. Os colaboradores que interagiram foram conduzindo os relatos e criando um mapa geográfico por onde o mendigo se deslocava diariamente no passado, as casas que frequentava, as ruas que dormia, os locais que habitava, os bares que serviam de abrigo e apoio. Da mesma forma, foram lembrados os versos que ele cantava que divertiam muitos de seus conhecidos, sendo que boa parte dos comentários fazia referência às pessoas que davam-lhe comida ou mesmo atenção. Os comentários revelaram uma amplitude maior do que se imaginara em relação às décadas em que ele fora visto na cidade, cerca de 40 anos até seu misterioso desaparecimento, que é contado de diferentes maneiras por todos, fatos estes que revelam muito tanto da história de Geminário, do imaginário da população e suas relações subjetivas quanto da própria história da comunidade e da cidade que mudou muito com o passar dos anos, tanto em relação a sua infraestrutura física quanto em sua construção social.

Figura 10 Registro I de comentários feitos na rede social Facebook na página www.facebook.com/spsartecolaborativa



-  **Marlize Haesbaert** Grande Germinário...na rodoviária diariamente ganhando um lanchinho...como não lembrar ???
Curtir · Responder · 9 de fevereiro às 12:00
-  **Adeline Schmitt** Nossa que bela recordação! Não tinha medo não... lembro que ele parava em frente a casa de meu avô e pedia cachaça, dávamos um martelinho de cachaça em troca de um verso e cálculos matemáticos... por incrível que pareça era inteligente... saudade!!! #SPSArteColaborativa
Curtir · Responder ·  2 · 4 de fevereiro às 22:32
-  **Cristielli Gabriel** Nossa, eu tinha um pouco de medo dele, sempre com uma latinha e acho que ele bebia pra se aquecer, costumava dormir no relento perto da Biblioteca ou em uma casa antiga e abandonada que existia onde hj é a fruteira do Ari, sempre via ele ali quando ia no mercado com a mãe, lembro que ele estava sempre meio sorrindo, coitado não fazia mal a ninguém. Mas dava um pouco de medo.
Curtir · Responder ·  2 · 7 de fevereiro às 00:49
-  **Bruna S. Maciel** Essa figura fez parte de mtos dias da minha infância. Na época em que meus pais estavam no Pavilhão Católico, o Germinário passava boa parte do seu tempo lá. Mtos dos meus amigos iam lá só p ver ele. A minha diversão era pedir p ele cantar! Ele sempre cantava a msma música, mas era qse impossível de entendê-la. Lembro q perguntei a ele seu nome verdadeiro e se n me falha a memória era Luis Antônio. Relembrar é vida 😊
Descurtir · Responder ·  6 · 4 de fevereiro às 00:45
-  **Inara Rodrigues** Olá eu nasci e são Pedro em 73 e eu já com 5 ou 6 anos lembro da presença dele pois tinha muito medo dele..hehe.morava no pavilhão católico e eu morava na frente no prédio de dois andares por isso ele com certeza viveu na cidade desde os anos 70.
Curtir · Responder ·  4 · 4 de fevereiro às 13:24 · Editado

Figura 11 Registro II de comentários feitos na rede social Facebook na página www.facebook.com/spsartecolaborativa



Edeni Moraes Gonçalves Por várias vezes, vi o Germinário cantando principalmente próximo ao Pavilhão católico. Os versos eram pronunciados rapidamente por uma voz rouca que mesmo assim permitia que a rima saísse mais animada, com uma boa gargalhada dele ao término de cada cantoria. Boa marca dos meus e de muitos tempos dos são-pedrenses, na figura do memorável Germinário. Bela iniciativa Mariana Binato de Souza

Curtir · Responder · 1 · 5 de fevereiro às 09:48



Robson Ferraz DA Silva Germinário. Primeiro morava no porão de um casarão antigo que tinha na esquina das rua Floriano Peixoto com a Silva Jardim, onde nos dias de hoje funciona uma revenda de veículos. Quando íamos para o colégio sempre passávamos para dar uma espiada para ver se ele estava lá dentro. Dizem que era um homem de bem e por conta de uma grande decepção amorosa, passou a viver na rua, comentam também que por várias vezes familiares tentaram lhe levar para morar com eles, mas nunca conseguiram, somente quando já estava doente que conseguiram, daí já era tarde, pois acabou falecendo na década passada. Lembro que quando tomava alguns tragos a mais ficava muito sorridente, falante e as vezes ainda dava uma de cantor. Pessoa do bem, que juntamente com outras figuras ilustres marcaram minha infância, como por exemplo: Peito de Pomba e o Valdinho.

Curtir · Responder · 8 · 4 de fevereiro às 21:30



Camila Moraes Nossa Mari, esses dias mesmo meu pai Leonir Roati de Moraes estava contando as histórias do Germinario que toda manhã ia ao bar e pedia com mãos trêmulas uma purinha, que o pai só dava se ele declamasse um de seus versos. Inclusive o pai os tem por escrito e está pensando em transformá-los em música.

Por ser tão próximo, eu não tinha medo, chegava perto, levava comida e para mim era só mais um senhor que passava pelo bar. Já da Velha do Saco e da Roxa não posso dizer o mesmo... hahahahah

Mediante os depoimentos dos interatores virtuais, que conduziram seus relatos a partir dos locais percorridos por Geminário na cidade, foi construído um mapa para delimitar as intervenções, fazendo alusão ao que havia sido relatado a partir da colaboração da população. Assim, foram elencados vinte pontos geográficos que receberam a imagem do mendigo em formato 20cmX25cm,

adesivados em PVC, bem como registros dos relatos da população através de QR Codes devidamente publicados no site “www.marianabinato.wordpress.com”, trazendo imagens que faziam referência aos espaços públicos antigos da cidade comparando às fotografias atuais.

A interação da população tanto com as imagens do mendigo bem como com os códigos passou a acontecer de maneira direta desde o momento da colagem, pois mesmo que não houvesse uma aproximação inicial do espectador com a tecnologia ou com a linguagem dos códigos bidimensionais, tornava-se inevitável uma aproximação à imagem que remetia às lembranças de um passado ainda muito presente na memória das pessoas. Durante o mês em que tais imagens invadiram as redes sociais e posteriormente ficaram localizadas nas ruas da cidade houve muitos relatos de pessoas que buscaram contar suas vivências e suas lembranças sobre o mendigo, embora não tenham interagido digitalmente.

[...] as produções artísticas baseadas na utilização dos sistemas telecomunicacionais permitiam aos artistas colocar em xeque os espaços convencionais de exposição de arte. De fato com o abandono dos espaços das galerias e museus e a ocupação de espaços públicos, ruas e espaços naturais [...], os trabalhos de arte telemática evidenciaram rompimento com as distâncias espaço-temporais e assumiram sentidos mais amplos de ubiquidade, desmaterialização, participação, intercomunicação intersubjetiva e processo (ARANTES, 2005, p. 59).

O fato de se realizar uma inserção do projeto dentro do espaço das familiarizadas redes sociais propiciou uma visibilidade maior e conseqüentemente uma interatividade com quem se sentiu à vontade para colaborar através dos relatos suscitados.

Figura 12 Intervenção na Praça Crescência Pereira com fotografia e QR Codes. Fevereiro 2015.



Figura 13 Intervenção nos antigos locais de moradia do mendigo Geminário com fotografia e QR Codes. Fevereiro 2015.



Figura 14 Intervenção na rodoviária e ponto de ônibus com fotografia e QR Codes. Fevereiro 2015.



Muitas pessoas passaram a contar às novas gerações, que não conheceram o mendigo, sobre quem foi o personagem das ruas de São Pedro do Sul, as crianças e os jovens hoje não convivem mais com os famosos ícones da cidade, pois alguns foram afastados do convívio social ou simplesmente ignorados pela população que não se interessa mais sobre a vida físico ou imaginária destas pessoas. Muitos relatos foram feitos acerca de outros personagens da cidade que conviveram com a sociedade por volta dos anos 70/80, pessoas comuns que tinham em seu entorno uma história de vida misteriosa ou sofrida e algumas habilidades diferenciadas que chamavam a atenção, fazendo com que continuassem a ser lembrados.

Este dispositivo imagético e interativo pareceu instigar o olhar dos caminhantes cotidianos, possibilitando um resgate tanto das vivências passadas quanto das relações presentes, pois criou um instante de parada à velocidade pós-moderna que insistimos em deixar acontecer sem cautela. Mesmo que digitalmente, através das redes sociais, podemos fazer uma analogia da linha do tempo tradicionalmente conhecida dos usuários da rede social Facebook, com a qual convivemos diariamente, como as ruas que caminhamos e nos deslocamos, porém em outro ambiente que não o físico. Estas imagens publicadas, que não fazem mais parte do cotidiano da sociedade e que estão esquecidas em um imaginário passado tomam o papel de intervenções, com a função de desacomodar, desestabilizar e

questionar os sujeitos andantes desta linha, tanto em ambiente digital quanto no contexto físico. Lembrando Campbell:

Ao adotar esses espaços de vida cotidiana, os artistas e suas obras apresentam desejos utópicos de reaproximação entre o sujeito e o mundo. A cidade aqui é vista como um lugar de fluxo, de movimento, de relações coletivas, e de sobreposições de questões históricas e políticas. Nesse sentido, os “espaços públicos” podem designar não apenas as estruturas físicas das cidades, como ruas, praças, parques e prédios (embora muitas vezes a obra precise desta estrutura para acontecer), mas também espaços desmaterializados onde ocorrem debates e acontecimentos públicos como, por exemplo, a internet, os livros, o rádio, a TV e a propaganda. (CAMPBELL, 2015, p.18).

Os relatos a partir dos dispositivos publicados permitiram construir um trabalho baseado na colaboração, pois o processo de interação dos usuários da rede social Facebook acarretou na aderência à proposta da pesquisa, revelando seus comentários a partir de suas vivências e do conteúdo disponibilizado pelo projeto, que convidava a população conectada a refletir sobre quais relações existem entre um projeto artístico e a memória das pessoas. Desta maneira construíram uma intervenção em ambiente digital e no meio físico de maneira colaborativa, assim as pessoas interessadas em contar suas histórias e reviver seus momentos a partir da imagem tiveram a oportunidade de trazer à tona suas narrativas, colaborando com o projeto #SPSArteColaborativa.

Esta maneira de interagir com a população, através de imagens e referências que passam a ser dispositivos de seus cotidianos, criando relações entre passado e presente de maneira convidativa para que os sujeitos e suas subjetividades sejam revisitadas, constrói uma relação de aproximação e sentido das intervenções artísticas, do projeto e da arte em si com a vida física das pessoas. Quando existem formas de se construir individualmente a partir das vivências coletivas, tanto a subjetividade quanto a cultura coletiva se beneficiam, assim os saberes se complementam, criando redes de compartilhamento que são elementos transformadores do entorno social em que estão inseridos. Segundo Cambell (2015, p. 21), “as artes são pensadas como micropolíticas produtoras de subjetividades e de realidades possíveis e espaciais”, ou seja, os próprios dispositivos artísticos e imagéticos possuem, dentro da esfera social um papel que ajuda na construção

estética e política, produzindo e talvez ressignificando as subjetividades dos sujeitos espectadores e interatores.

Dando andamento aos projetos desenvolvidos na cidade e com o objetivo de criar uma rede de ações artísticas que pudessem trazer diferentes vivências à população, foram criadas oportunidades de visita a exposições. Uma das mostras realizadas na Casa de Cultura de São Pedro trouxe trabalhos do Grupo de Pesquisa Arte e Design CNPq/UFSM, grupo que participo como pesquisadora. Dezesete artistas pesquisadores dos cursos de Mestrado em Artes Visuais, da Especialização em Design de Superfície e Graduação em Artes Visuais trouxeram à cidade trabalhos dos mais diversos temas e materiais, buscando também evidenciar a possibilidades que a arte propõe, instigar o público a pensar a presença da arte, percebendo as ações artísticas contemporâneas de um novo ângulo que não o convencional.

A experiência de ter uma proximidade com trabalhos que não costumam chegar às salas expositivas da cidade, nem ao contexto urbano, em muitos momentos, pode provocar certo estranhamento, porém tal fato também pode suscitar questionamentos nos espectadores, gerando um determinado embate entre as suas experiências primeiras com arte e as vivências atuais, onde antes, em muitos casos, o espectador tinha o dever de apreciar a obra e ter conhecimento vasto para saber o que o artista queria passar. A arte contemporânea convida o espectador a invadir a obra, a questioná-la, tocar, em alguns casos, com as mãos para poder decifrá-la, entender que tipo de material esta sendo usado e principalmente produzir questionamentos como “o que este trabalho diz de mim”, “onde se encaixa ou não no meu repertório de vida”, funcionando como dispositivos que produzem um processo de subjetivação, onde o sujeito, segundo Agamben (2009) é o resultado da relação entre viventes e dispositivos.

Talvez nenhum pressuposto seja tão central a cultura moderna das artes como a crença em uma importância própria da prática artística. E essa importância esta vinculada à crença de que ali ocorre a exposição de certa verdade geral dos indivíduos ou das comunidades, tal como pode se manifestar em uma forma singular. É na medida em que se singulariza com respeito ao mundo em que se origina que a obra de arte se torna capaz de indicar o autenticamente comum no fundo do comum. Como enuncia Rancière: o regime estético das artes “faz da arte uma forma autônoma de vida e postula assim ao mesmo tempo a autonomia da arte e sua

identificação como um momento em um processo de autoformação da vida". (LADDAGA, 2012, p. 39).

Percebemos como a estética, os dispositivos e as experiências artísticas diversas estão atreladas às construções individuais dos sujeitos. A arte, seus trabalhos e projetos amparam o sujeito na construção de seu senso estético e subjetivo o que conseqüentemente reflete nas ações desde sujeito com o mundo em que ele está inserido. Os deslocamentos presentes na Arte contemporânea proporcionam a criação de redes de comunicação, de trabalho e de experiências diversas as quais não estão inseridas em nosso cotidiano de uma maneira intensa, a partir do fato de deslocar-se para outro contexto, percebemos nosso entorno de uma maneira diferente.

Durante um período que estive fora da cidade apresentando um trabalho do Mestrado em Artes Visuais em um evento na cidade de Bauru, SP, IX Encontro de Arte e Cultura "Provocações Estéticas: a cidade como experiência visual", percebi muitos outros pesquisadores interessados em conhecer um pouco mais das minhas motivações e interesses em estar ali apresentando aquelas propostas e vivências do contexto urbano da cidade de São Pedro do Sul. Bauru é uma cidade relativamente pequena, dentro do estado de São Paulo, porém algumas pessoas que encontrei, em sua maioria graduandos do curso de Artes Visuais da UNESP - Bauru (Universidade Estadual de São Paulo), admiraram-se ao perceber que a cidade de onde eu vinha era ainda menor (Bauru tem cerca de 340 mil habitantes, enquanto São Pedro do Sul tem 17 mil). Estas pessoas têm por Bauru um sentimento e motivações muito semelhantes aos meus em relação a São Pedro, o de criar movimentos culturais na cidade, problematizar a ocupação da cidade e instigar que a população se relacione com as artes de uma maneira mais próxima, visto que Bauru está deslocada das avalanches artísticas e culturais que normalmente acontecem em São Paulo.

Percebo em uma dimensão um pouco diferente o quanto cidade foi afastada das pessoas e de seus papéis de cidadãos que constroem a cidade e a sua cultura, seja ela popular, social, artística ou cotidiana. A cidade parece ter passado por drásticas mudanças políticas e sociais, e tem um papel coadjuvante na vida das pessoas que a habitam, a população em muitos locais deixou de perceber e se envolver com o entorno dando destaque apenas para seus lugares de partida e

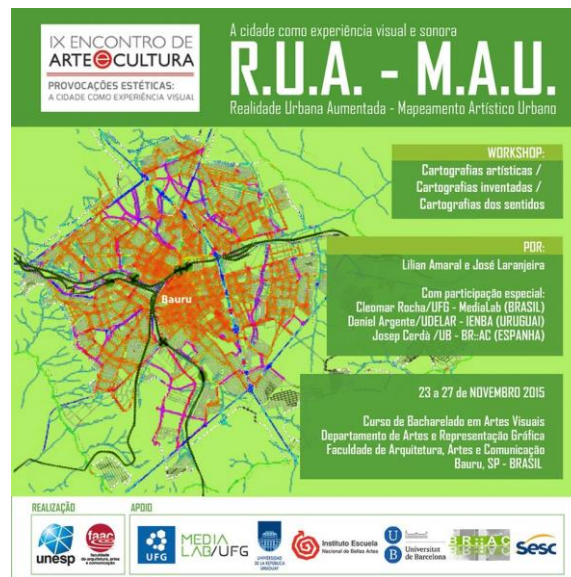
destino, sem perceber que o caminho, propriamente dito, que é percorrido faz parte do habitar a cidade. Deslocamentos automáticos, trajetos sem significado, caminhos que apenas conduzem a população são os principais fatores que levam a população a ter um distanciamento ainda maior da cidade mesmo pertencendo ao seu cotidiano e necessitando do seu espaço para se constituir como sujeito.

A cidade em poucos momentos, seja ela pequena ou grande, é vista como um espaço de criação, os trajetos percorridos são responsáveis pelas identidades daqueles sujeitos que habitam determinado espaço, e estas relações entre os sujeitos e entorno são espaços de ressignificação e fomento das subjetividades latentes e necessárias aos indivíduos. Estes dispositivos, sejam eles artísticos, imagéticos ou obras do acaso, são elementos que tornam as experiências cotidianas ainda mais significativas. Segundo Cambell (2015, p. 25), “a cidade deixa de ser o lugar de trânsito e passa a ser o lugar da experiência”. A mobilidade espacial permite que sejamos sujeitos experienciadores do que a cidade tem a nos oferecer, basta nos inserirmos na dinâmica proposta pela cidade.

Quando identifico a pesquisa com os ideais de outros pesquisadores da área passo a vê-la com os olhos dos outros, muitas vezes, percebo que talvez esteja no caminho indicado para atingir os objetivos inicialmente propostos, que outros tantos buscam construir vínculos artísticos e culturais com cidades pequenas, cada qual em seu contexto, e principalmente que existam metas e projetos muito semelhantes.

Na oportunidade do evento pude me aproximar e fazer parte de uma oficina ministrada por Lilian Amaral, e José Laranjeiras, ambos pesquisadores no campo da arte urbana contemporânea. O projeto RUA – MAU (Realidade Urbana Aumentada – Mapeamento Artístico Urbano) consiste na deriva urbana como prática estética onde são coletados dados como imagens, sons, audiovisuais, sensoriais, a fim de criar coletivamente com o grupo envolvido uma cartografia da cidade em que o projeto está acontecendo e posteriormente apresentar este material elaborado como resultado do trabalho coletivo realizado.

Figura 15 Divulgação oficina RUA - MAU. UNESP.



Fonte:

http://www.maxpressnet.com.br/Conteudo/1,801536,Programacao_do_Workshop_RUA_MAU,801536,1.htm

Os conceitos de arte e cidade bem como cartografias e territórios são trabalhados no projeto como norteadores do processo tanto de deriva quanto de criação dos resultados, pois a partir deles, além de um embasamento estético, os colaboradores do trabalho passam a criar uma rede de significados e conceitos acerca do que está sendo vivenciado e construído em grupo. Além do projeto que aconteceu em novembro de 2015 os colaboradores desta edição da oficina RUA – MAU, criarão no decorrer do ano de 2016 uma extensão individual do projeto para dar continuidade, porém com as referências individuais de cada colaborador em seu local de pesquisa, ou seja, cada pesquisador em sua cidade de origem. Estes trabalhos posteriormente farão parte de uma galeria digital que contará com o projeto de cada um a partir das experiências colaborativas que foram experienciadas com o projeto RUA – MAU.

Figura 16 Processo de produção do material para ser apresentado como resultado da oficina RUA – MAU.



Figura 17 Frames do vídeo apresentado como resultado da oficina RUA – MAU.



Figura 18 Apresentação do resultado da oficina RUA – MAU.



As ações da oficina e as relações construídas com o grupo de colaboração do projeto RUA – MAU veio ao encontro do que eu como pesquisadora estava sentindo falta dentro do meu processo de pesquisa, o fato de haver uma ação artística que fosse mais intensa e massiva e colaboração efetiva de um determinado grupo. A partir do momento em que passei a reconhecer a cidade da minha pesquisa, São Pedro do Sul, e o projeto de pesquisa com uma nova visão, percebi o quanto meus objetivos se encaixavam com as questões tratadas por este grupo e o quanto esta pesquisa dizia das minhas vontades e anseios como pesquisadora, mas também como moradora deste local que habito e pesquiso.

Durante os dias de viagem utilizei-me das redes sociais para acompanhar algumas atividades que estavam acontecendo em São Pedro do Sul, palestras, teatros, novos empreendimentos surgindo na cidade que normalmente não acontecem com tanta frequência e em datas próximas. Com distanciamento passei a enxergar estes fatos, através das redes sociais, e perceber que a cidade estava tendo alguma movimentação. Assim, estes acontecimentos que estavam ocorrendo na cidade talvez se engajassem ao meu projeto sem sequer perceberem, valorizando a cidade, a cultura e a população local. De certa maneira quando estamos inseridos em determinado espaço, inseridos e envolvidos pelo cotidiano tradicional que nos cerca não percebemos que existem pessoas interessadas e ações que estão mudando o entorno, mesmo quando estamos longe. Talvez poucas pessoas fossem fazer parte daquelas ações, ou investirem nas ideias comerciais

que estavam surgindo, mas elas realmente estavam presentes na cidade, diferente de alguns que sequer acreditam e investem nas pequenas cidades.

Passei então a pensar a respeito da minha cidade com um novo olhar. Constatei, mais uma vez, a pouca autoestima que a população muitas vezes demonstrava. Infelizmente muitas pessoas insistem na concepção de que o fato de morar em uma cidade com menos de 20 mil habitantes é um fracasso, uma espécie de “não teve escolha”, porém percebo que, assim como eu, outros moradores escolhemos este lugar para viver pela qualidade de vida e as coisas boas que proporciona, mesmo sendo poucas aos olhos de alguns. Percebo que para parte da população que não mora na cidade, por motivos profissionais ou por escolha, ter que ficar na cidade torna-se quase a constatação de um insucesso profissional; na verdade existem antigos moradores voltando pela qualidade de vida e paixão pela cidade, que apesar de pequena tem muitos benefícios a oferecer principalmente em relação a expectativa e custo de vida.

Ainda que, tendo benefícios característicos de localidades do interior, a cidade parece não ser valorizada por toda a sua população, e alguns parecem não reconhecer o que a mesma proporciona. Um dos fatores que intensifica ainda mais a pouca valorização do espaço em que se vive é pelo fato de São Pedro do Sul estar muito próximo a Santa Maria, município que possui uma infraestrutura muito maior e proporciona algumas atividades sociais e comerciais do que em São Pedro do Sul. As pessoas não percebem que em cidades menores as suas ações e movimentação do espaço público podem ser mais visualizadas e conseqüentemente instigarem uma parte maior da população do que em locais maiores, onde muitas ações acontecem ao mesmo tempo, às vezes, sem a repercussão esperada pelo fato de serem pouco representativas em um espaço mais amplo e diversificado.





Acredito que em cidades pequenas o direito à cidade, termo cunhado por Henri Lefebvre em “Le droit à la ville” de maio de 1968², que vai muito além do uso de bens urbanos e dos espaços públicos, tem uma intensidade e uma força muito maior, pois o controle social e a forma de habitar e viver nas cidades se dá de uma maneira mais abrangente; as pessoas conseguem agir e perceber os reflexos de suas ações de uma maneira mais direta e objetiva, pois além de contar com uma

² Apud Campbell, 2015, p. 29.

população menor, a maioria tem ideias e objetivos semelhantes, visam o crescimento daquele espaço público que vivem e convivem. O direito à cidade é este processo de construção dos modos de vida urbana, coletivamente, em que cada sujeito e cada comunidade tem espaço para manifestar suas diferenças (CAMPBELL, 2015).

Pensando nisso, e com o objetivo de valorizar a cultura local e também criar um meio da população poder interagir revelando os aspectos positivos da cidade, busquei através da rede social Facebook, divulgar um texto que pudesse instigar a população com a hashtag #SãoPedroTEMSIM onde todos poderiam se utilizar deste link para pensar as singularidades da cidade.

Figura 19 Publicação na rede social Facebook #saopedrotemsimsim

 **Mariana Binato de Souza** em  São Pedro Do Sul, Rio Grande Do Sul, Brazil.
25 de novembro de 2015 ·  

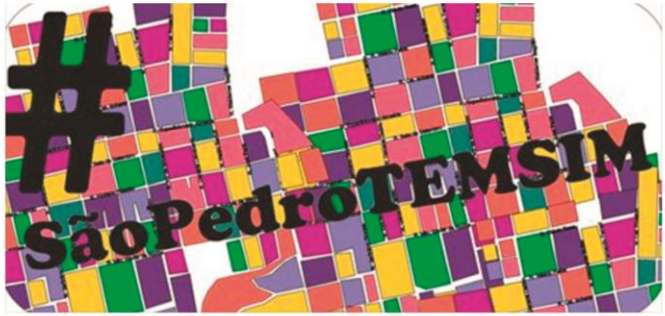
Tenho um convite!!! COMPARTILHE ESTA IDEIA!
Há alguns anos existe algo que me inquieta muito!
SÃO PEDRO NÃO TEM NADA, A CIDADE DO TINHA, NÃO TEM LUGAR PARA SAIR, NÃO CRIAM EVENTOS, NÃO EXISTEM MARCAS, NÃO TEM LOJAS, NÃO TEM, NÃO TEM, NÃO TEM
Porém quando tem, ninguém vai e ainda sabem criar muitas críticas.
Saimos (me incluo muitas vezes) da nossa cidade para comprar algo em Santa Maria.
Vamos jantar em outra cidade, pagamos 3X mais, por pratos que talvez tenham (ou poderiam ter) em nossa cidade.
Compramos coisas em cidades vizinhas, imaginando que o valor na nossa cidade é maior sem ao menos averiguarmos, já fiz isso várias vezes.
Marcamos consultas médicas/odontológicas/fisioterapêuticas (ETC) em outras cidades sem que saibamos a qualificação dos profissionais da nossa cidade.




Enfim, ouvi há alguns dias que talvez a nossa cidade não tenha Autoestima, será que isso realmente não é verdade? Será que não estamos fazendo vistas grossas às qualidades da nossa cidade?
Será que às vezes os próprios profissionais, de todas as áreas, da nossa cidade não tenham deixado de lado a vontade de inovar devido a falta de interesse da população, isso pode mudar!


Eu só queria deixar aqui registrada a minha vontade, diária, de que possamos perceber a nossa cidade de um jeito diferente, com olhos estrangeiros, com ouvidos abertos à tudo, e principalmente que possamos buscar a estima que perdemos em São Pedro!

Isso não depende de administrações públicas, governantes, verbas, dinheiro, situações financeiras, ou qualquer "outros", só depende de nós mesmos.

Vamos mostrar o que a nossa cidade tem de bom e valorizarmos tudo que aqui temos, vivemos e podemos exportar principalmente como material cultural!!!
#SãoPedroTEMSIM uma população envolvida!!!
Use esta # para divulgar as coisas que acontecem na nossa cidade e que ninguém vê!!!
Conto com vocês!
QUERO VER COMO TU VÊ A CIDADE!!!!



 Curtir  Comentar  Compartilhar

 Camila Moraes, Marília Cêzar, Angela Maurer and 119 others

10 compartilhamentos

Estes modos de pensar a cidade como forma de dispositivos atrelados à rede são meios de criar um engajamento cultural, talvez maior do que se ele acontecesse no ambiente físico. Segundo Campbell:

Com a ampliação do conceito de espaço público gerado pelos avanços tecnológicos dos aparatos de comunicação, pode-se dizer que o debate público torna-se muitas vezes desterritorializado. As redes de comunicação, as redes sociais, a internet, podem então ser compreendidas como um “espaço público expandido”, onde o debate se dá de modo orgânico e descentralizado (CAMPBELL, 2015, p. 19).

Os aspectos públicos que o digital proporciona para o engajamento da sociedade se tornam muito relevantes para o processo de interação, muitas das relações que são tecidas neste ambiente não acontecem de maneira presencial, quando as pessoas são questionadas e devem opinar frente às outras. A rede cria um distanciamento seguro a fim de que o público interator participe e interaja com certa liberdade, às vezes distante do cotidiano físico quando apenas observa sem se colocar como construtor de ideias, conceitos e opiniões.

Capítulo 2

COLABORAR E INTERAGIR, UM PROCESSO COLETIVO

2.1. AUTORIA COMPARTILHADA

O principal conceito que engloba esta produção poética em artes visuais acontece em torno da autoria colaborativa, ou seja, o fato do espectador além de interator do projeto também ter a possibilidade de participar ativamente da proposta sendo um dos autores do trabalho que é coordenado pelo artista propositor. O tipo de colaboração que acontece nesta proposta tem o intuito de propiciar aos envolvidos uma relação de troca tanto com o trabalho quanto com os próprios colaboradores, construindo assim relações subjetivas a partir destas vivências que serão elementos fundamentais para o processo de construção da identidade de todos a partir do proposto.

O projeto que é construído a partir da colaboração tem o intuito de utilizar-se das diferentes referências e vivências dos participantes envolvidos e, muito mais do que um grupo variado de pessoas que trabalham juntas, tem-se um grupo que se envolve com o trabalho, com a troca de ideias, conceitos, conversas, trazendo ao projeto uma identidade própria baseada nas diversidades que o compõe. São distintas pesquisas autobiográficas que constroem um estudo baseado nestas diversas biografias, unidas aos objetivos e direcionamentos da pesquisa. Construir uma proposta de autoria colaborativa que possa englobar diferentes perfis, bem como inúmeras referências de identidades, pode ser desafiador, mas também propicia ao projeto uma gama de diferentes recursos e fontes para serem trabalhados.

O fato de inserir uma proposta colaborativa dentro de um contexto urbano, que já é parte das referências dos colaboradores, é uma forma de relocar estes

referenciais a partir da visão deste grupo que, em conjunto, estudou, transformou, recriou e interpretou seu olhar frente às paisagens vistas diariamente.

Como um exemplo do campo, a artista Mônica Nador possibilitou que seu trabalho se expandisse de maneira mais abrangente dentro do contexto urbano contemporâneo a partir do projeto Paredes Pinturas, que teve o intuito de pintar paredes de ambientes comerciais e residenciais, em espaços periféricos da cidade de São Paulo, no Jardim Miriam. Assim, estabeleceu-se uma aproximação com o que embasa o trabalho da artista, o cotidiano das pessoas e as suas referências culturais, imagéticas que constroem o que se conhece como cultura popular e cotidiana.

Este processo de aproximação com a vida de quem habita a cidade revela muito sobre como se consolidam as relações entre o sujeito e o ambiente em que ele se constrói. A partir do momento em que o ambiente que este indivíduo vive é modificado, modificam-se assim as suas relações, suas construções subjetivas, que são instauradas a partir da relação do sujeito com o ambiente que ele habita, e reverberam diretamente na maneira como o sujeito se configura, desta maneira a arte passa a ter o papel de criar uma trama de possibilidades que favoreçam o processo de aproximação com o outro a partir da sua presença.

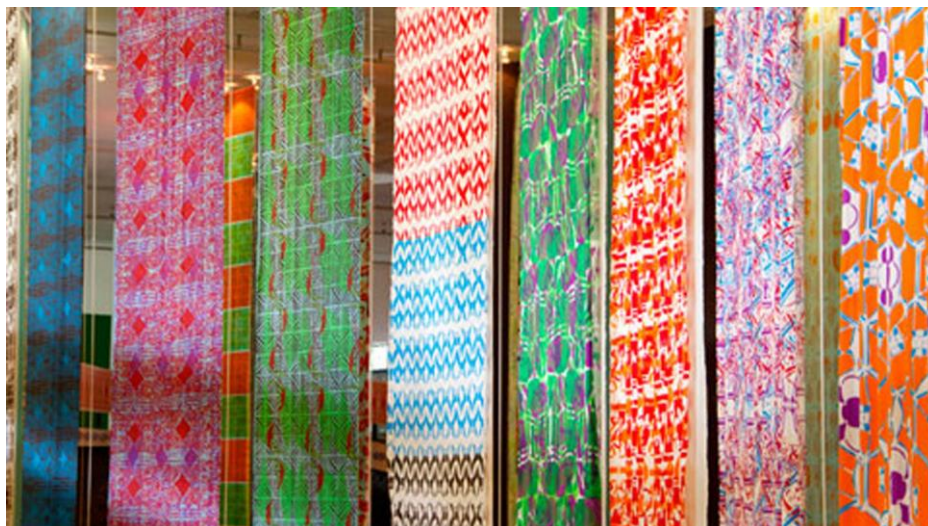
Abordando este assunto, a artista comenta:

Nesta oportunidade pude traduzir a minha construção plástica geralmente minuciosa e, até então, sempre concretizada sobre tela ou papel, para uma área de grandes dimensões, inserida a priori em um contexto arquitetônico. Constatei que algumas adaptações poderiam agilizar a execução de meu trabalho, normalmente morosa, e possibilitar sua realização em praticamente qualquer parede, fora dos espaços protegidos das artes plásticas, como nos muros das ruas. Esta perspectiva representava a possibilidade de poder ampliar o alcance do trabalho e atingir novas audiências, atendendo a um desejo recorrente em minha produção, de proporcionar fruição estética para o maior número possível de pessoas (NADOR, 1999, *apud* NADOR; RIVITTI; RJEILLE, 2012, p. 47).

A artista passou a inserir-se, de maneira gradual, dentro do contexto urbano que seria o local de exposição das pinturas, com o objetivo de compreender e conhecer mais sobre a cultura popular que está imbuída no cotidiano do lugar de ação. A partir desta aproximação, Mônica iniciou o processo de incluir, além da

cultura dos moradores locais, os próprios sujeitos agentes destes espaços, dando início ao que se conhece em seu trabalho hoje como autoria compartilhada.

Figura 20 Produções do projeto Paredes Pinuras de Monica Nador.



Fonte: <http://goo.gl/7i0OOV>. Acesso em: 1 de junho

O processo de autoria compartilhada que a artista propõe retorna à comunidade de maneira que a arte se aproxima da vida das pessoas, mesmo que inicialmente de maneira muito discreta. Estabelece-se uma relação que carrega o valor pessoal de cada sujeito que participa da produção, tornando-se responsável pelo trabalho, agregando para si os valores que a arte e o Instituto Jamac (Jardim Miriam Arte Clube) constroem diariamente. A imersão em um ambiente artístico promove a ascensão de cultura e de conhecimento que reverberam diretamente na vida de cada um.

[...] Afinal, tudo que aquelas pessoas não precisavam era de mais um 'estrangeiro' mostrando-lhes a sua sabedoria e talento em contraponto com a miséria e ignorância locais. Meu objetivo era acolher, incluir os 'nativos', incluir-me entre eles, ser um igual, e não reiterar o abismo existente entre nós. O próximo passo foi, portanto, realizar uma oficina de desenho em que pedi aos participantes que representassem sua cultura local. A pintura mural em Nilo Peçanha foi executada num espaço onde um grupo folclórico de percussão – o Zambiapunga – ensaiava. Pedi-lhes que desenhassem os objetos e adereços representativos da atividade, fizemos uma votação e

pintamos máscaras e tambores em nossa parede (NADOR, 2012, p.62-66, *apud* NADOR; RIVITTI; RJEILLE, 2012, p. 49).

O transitar de seu trabalho por diferentes vias de acesso à arte propiciou uma maior abrangência do Projeto Paredes Pinturas, assim o reconhecimento das ações artísticas nos diferentes ambientes ocorreu de maneira global, tanto críticos, curadores e frequentadores de ambientes de exposição, quanto os moradores dos locais onde o projeto inseriu-se no contexto urbano cotidiano constroem conhecimentos e dialogam com o que veem.

Figura 21 Marlene Bergamo, 2009, registro fotográfico Projeto paredes pinturas.



Fonte: <http://goo.gl/wXLMLD>. Acesso em: 1 de junho

Esta maneira de inserção da comunidade no processo de construção artística de maneira colaborativa, que parte dos seus referenciais, das imagens que emergem do seu contexto e da sua história, permite um processo de re-olhar sobre o papel do cidadão dentro da sua comunidade, do verdadeiro ato de entender seu papel sobre a cidade, sua evolução, seu diferencial cultural, desta maneira todos se sentem responsáveis pela maneira como veem, interagem e refletem sua função dentro de uma cultura que é construída por todos.

Nesta perspectiva, com o intuito de envolver a comunidade são-pedrense de uma maneira mais ativa ao projeto e intensificar o conceito de colaboração,

busquei identificar algum tipo de temática que chamasse a atenção dos moradores da cidade bem como que pudessem estabelecer uma ligação com as intervenções já trabalhadas e geradas a partir dos relatos e do retorno das pessoas frente ao iniciado projeto. A partir de algumas análises de campo frente às mudanças históricas da cidade foi solicitado em um grupo da rede social Facebook, administrado por uma professora local, que a população divulgasse fotografias antigas da cidade a fim de que pudesse ser resgatada a história arquitetônica de São Pedro do Sul e compará-las aos espaços atuais. Muitas pessoas da comunidade colaboraram com esta busca de fotografias de épocas anteriores e, conseqüentemente, buscaram resgatar as histórias do passado da cidade que eram vinculadas aos lugares frequentados antigamente. Estes locais contam a história da cidade de maneira muito rica, nunca deixando de lado a atuação dos moradores e da sociedade da época, hoje já adormecida pelo tempo. Mesmo havendo poucos prédios históricos e nenhum tipo de incentivo à sua restauração e manutenção, a cidade ainda abriga muitas histórias através de sua arquitetura rica em detalhes de fachada preservados com o passar dos anos.

Em contrapartida, diversos locais centrais estão sendo tomados por construções novas que ignoram completamente as referências arquitetônicas históricas, dando espaço somente a edificações aglomeradas com foco na quantidade, deixando de lado a qualidade e o valor estético. Muitos tapumes tomaram lugar na cidade de maneira invasiva, isolando as novas construções da sociedade, parecendo assim que emergem nos espaços em um curto período de tempo.

Estas relações entre os lugares antigos e históricos da cidade com as novas construções serviram de base para a criação de uma proposta de laboratório³ criativo em arte, denominada ResgateStencil, que teve por objetivo reunir pessoas da comunidade interessadas em interpretar estas antigas edificações de maneira conjunta a fim de que pudessem ser geradas produções imagéticas em estêncil (molde vazado para desenvolvimento/reprodução de configurações visuais específicas). Tais produções foram posteriormente aplicadas a tapumes e tecidos e,

³ A palavra Laboratório é utilizada como um espaço de convivência que é oportunizado aos colaboradores da pesquisa com o intuito de trocarmos experiências a respeito dos assuntos trabalhados nesta pesquisa e que sejam de interesse dos colaboradores, sem um cunho educacional, mas de reflexão e vivência no âmbito da produção artística atual

assim, inseridas no contexto urbano e expositivo da cidade de maneira simultânea. O processo de colaboração, um dos focos do trabalho, necessita do papel da população muito mais do que espectador, mas como membro atuante, tanto no processo de criação quanto na busca de referenciais, pois a investigação propõe e necessita partir das menções e alusões do colaborador atuante, que também é responsável pelo andamento do projeto.

[...] a relação entre o espectador e a obra se modifica. O espectador – que já então não é apenas o espectador imóvel – é chamado a participar ativamente da obra, que não se esgota, que não se entrega totalmente, no mero ato contemplativo: a obra precisa dele para se revelar em toda a sua extensão. Mas aquela estrutura móvel possui uma ordem interna, exigências, e por isso não bastará o simples movimento mecânico da mão para revelá-la. Ela exige do espectador uma participação integral, uma vontade de conhecimento e apreensão (GULLAR apud ARANTES, 2005, p. 36).

Desta maneira, usou-se a Fanpage do projeto #SPSArteColaborativa⁴ e dos grupos vinculados à cidade para convidar a comunidade a participar de um laboratório criativo de estêncil. Os interessados deveriam inscrever-se via e-mail para participarem da ação coletiva, sem nenhum tipo de definição de idade ou grau de escolaridade, pois o projeto estava aberto a receber uma diversidade de pessoas que pudesse colaborar com a pesquisa de diferentes maneiras e a partir de diversas referências. Ao convidar a população a participar foi explicado que o laboratório resultaria em uma exposição na Casa de Cultura e na Praça central da cidade durante a semana de aniversário de 89 anos do município, de 22 a 31 de março de 2015. O intuito do laboratório foi de incentivar as pessoas a pensarem São Pedro do Sul como um espaço suscetível a mudanças com base no que a própria comunidade deseja, com o foco de que a cidade, além de ser habitada pelas pessoas, é de responsabilidade das mesmas e esta responsabilidade está diretamente vinculada às ações coletivas que existem ou não no espaço que habitam.

Figura 22 Convite para o projeto ResgateStencil. Fevereiro 2015.

⁴ www.facebook.com/spsartecolaborativa



Uma sociedade que deseja cultura, espaços destinados ao lazer e à interação social deve também estimular seu entorno a fim de que possa cobrar e estabelecer relações de troca com seu meio, permutando ideias por ações. Kinceler *et al* comentam o assunto:

[...] atuam na fronteira da arte como reinvenção do cotidiano, criam zonas dialógicas de atuação temporárias, sabem que por meio deste espaço mágico definido como Arte a realidade ser modelizada, formatando o que Laddaga pontua como um novo paradigma para processos de arte colaborativa, a de instaurarem novas “ecologias Culturais” (KINCELER, SILVA, PEDEMONTE, 2009, p.3).

Inicialmente percebi que o convite para o laboratório estava tendo uma repercussão limitada no contexto digital no qual estava sendo veiculado, porém algumas pessoas mostraram interesse e confirmaram sua participação durante os três dias de laboratório, de 6 a 18 de março de 2015. Algumas estratégias foram sendo articuladas a fim de que a população pudesse aderir de maneira mais intensa ao interesse de participar. Assim, houve uma modificação nos horários dos encontros, que foram adaptados para o período da noite a fim de que os interessados em participar e que tinham o empecilho do trabalho, tivessem a oportunidade de aderir ao projeto.

Durante as semanas de convite à comunidade, muitas pessoas me questionavam pessoalmente a respeito do que seria feito, como aconteceria o

laboratório, mas ainda assim não se comprometeram em participar, apenas em saber como seria o processo. O interesse da população foi mais intenso em relação a curiosidade sobre o estêncil e as fotografias antigas. Ao fim do período prévio de inscrições, oito pessoas haviam se inscrito para participar do projeto; desta maneira mantive contato com todos a fim de que se sentissem motivados e passei a fornecer materiais como vídeos e catálogos do projeto Jardim Miriam Arte Clube (JAMAC), coordenado pela artista Monica Nador para que tivessem um primeiro contato com os processos de um projeto de autoria compartilhada.

Durante o processo de adequação do projeto às realidades do local foram feitas parcerias com determinadas entidades e órgãos públicos do município a fim de que o laboratório pudesse acontecer também com o envolvimento de diferentes áreas. O Lions Clube, entidade assistencialista da cidade, emprestou sua sede para os encontros, a Secretaria de Educação, agora responsável também pela Casa de Cultura cedeu o espaço expositivo da mesma e a empresa de fornecimento de água, Corsan, autorizou o uso do espaço da caixa d'água central da cidade como ambiente expositivo dentro do espaço urbano. O fato de se estabelecer estes laços com empresas, entidades e órgãos da cidade propicia também outro tipo de olhar e análise frente às ações artísticas e aos projetos desenvolvidos na cidade, e valorizar estas colaborações, pois todos foram devidamente nomeados e identificados nos materiais de divulgação do projeto como apoiadores, reforçando a responsabilidade e principalmente o incentivo que estes órgãos dão à cultura local e aos projetos desenvolvidos com a população, já que as entidades apoiadoras podem ter um grande papel a esta nova vida que a arte pode proporcionar às comunidades.

Na data e local marcados para o início do laboratório, denominada ResgateStencil, algumas das pessoas que mostraram interesse inicial se fizeram presentes, totalizando 5 pessoas, contudo, mesmo não sendo um número expressivo em relação à população da cidade que teve acesso aos convites, o grupo formado mostrou-se engajado com a proposta. Um dos colaboradores trouxe referências que faziam parte da história da sua família na cidade o que foi de grande valia, visto que este era um dos focos da proposta, partir das referências dos colaboradores, mesmo existindo uma linha condutora que delineasse o projeto.

O perfil dos colaboradores foi muito diferente, alguns já possuíam graduação, outros ainda eram acadêmicos, outros profissionais autônomos e

também estudantes do ensino médio. Daiane Schuster é dentista, 31 anos, veio até o laboratório por incentivo do namorado Leonardo Panciera, arquiteto de 30 anos, Vinicius da Silva é cabeleireiro, tem 26 anos e cursou cinco semestres de Design, Karla Mello da Rosa, 29 anos, é acadêmica do curso de arquitetura da Ulbra na cidade de Santa Maria e trouxe sua filha Kamile de 10 anos ao laboratório para interagir com a própria mãe e com o projeto e por fim Eduardo Bidel, 20 anos estudante do ensino médio e que quer cursar Artes Visuais⁵. Todos os envolvidos no grupo possuem algum tipo de interesse em fazer algo pela cidade, envolvendo seus princípios e vivências.

Faz isso primeiro em entornos locais, onde há indivíduos capazes de dividir e conectar atores e processos cruciais, onde oferece a esses grupos de indivíduos a possibilidade de separarem e reunirem algumas de suas experiências, mas também de se identificarem enquanto partes específicas de uma comunidade mais ampla. Que facilita a ativação de certa interação criativa, que oferece contextos em que os participantes podem estabelecer “acordos gerais sobre procedimentos e resultados”, em que alguns podem se colocar na posição de “árbitros que estabelecem limites às atuações à habilidade individual, ao conhecimento”, em que podem se propor formas de preparação disciplinada e se acumular as experiências em histórias. É assim que, na opinião de Charles Tilly, se produz a formação de identidades. (LADDAGA, 2012, p. 35 - 35).

Passamos a perceber que, por mais que as diferenças de ideais, classes sociais e vivências tenham os participantes a mistura de todas estas identidades, criam-se situações de relacionamento ricas para o projeto e para o laboratório, pois as trocas entre todos os colaboradores tornam-se ainda mais intensas e consistentes.

Durante o primeiro encontro, situei os colaboradores acerca de minha pesquisa de mestrado e mostrei os objetivos que norteavam meus interesses em realizá-la em São Pedro do Sul, percebendo, neste momento, que se sentiram valorizados por estarem contribuindo de maneira ativa à pesquisa e dando um retorno às suas próprias inquietudes e às carências da cidade como um todo. Como já estavam familiarizados com a proposta, pois já havia conversado com os colaboradores individualmente através das redes sociais, iniciamos um processo de

⁵ Termos de consentimento em Anexo A

reconhecimento de imagens, seleção, análise do material que seria posteriormente trabalhado, adaptando as ideias e os já pensados projetos.

Assim, iniciamos a desconstrução visual dos registros imagéticos acerca da arquitetura da cidade fazendo releituras de fachadas, unindo diferentes detalhes das imagens, interpretando a partir das referências que haviam sido compiladas com base em imagens fornecidas ao grupo da cidade anteriormente citado. Eduardo trouxe referências da casa onde os antigos familiares moraram que era característica por ter três grandes figueiras plantadas em sua frente, assim incorporou estas imagens ao seu desenho bastante detalhado. Alguns, já mais familiarizados com o desenho, outros ainda buscando uma aproximação e desenvoltura. Daiane, que possui formação em odontologia, teve um pouco de dificuldade em desconstruir e interpretar as fotografias que serviram de referência, porém depois de um tempo de convivência já estava familiarizada aos materiais e ao processo de ressignificar o olhar frente aos ângulos tão estáticos da arquitetura; Leonardo, arquiteto, passou a desenhar os detalhes despercebidos que fazem parte das fotografias das igrejas da cidade e assim reorganizá-los a fim de montar um painel geométrico; Karla, inicialmente ainda muito presa aos desenhos da arquitetura das fotografias de uma maneira mais realista, sem conseguir perceber os detalhes e as formas que poderiam ser criadas.

Figura 23 Desenhos e interpretações com base nas fotografias antigas da cidade. Março 2015.



Os desenhos dos colaboradores deveriam se adequar às técnicas do estêncil, pois seriam assim aplicados nos materiais escolhidos para as intervenções, ou seja, quatro tecidos medindo cada um 2,4m X 3,5m que seriam colocados no espaço central da Praça Crescêncio Pereira, afixados na estrutura da Caixa D'água, e em tapumes de construção em madeira medindo 1,1m X 2,2m para serem colocados no espaço expositivo interno da Casa de Cultura.

Durante a primeira noite de encontro pude perceber o interesse dos colaboradores com o projeto e entender que o engajamento de todos seria responsável e satisfatório para o período de laboratório. Após iniciarem os projetos de como ficariam os tapumes e a adaptação dos desenhos às dimensões dos materiais os colaboradores mencionaram que já queriam “colocar a mão na massa” e partiram para a pintura do fundo dos tapumes de madeira, processo que facilitou o andamento do projeto no decorrer dos dias. O ato de iniciar o processo de pintura e de manuseio de tintas e cores deixou clara a empolgação para darem continuidade ao trabalho.

O grupo envolveu-se de maneira coletiva durante os dias de laboratório, havendo trocas sobre diversos assuntos, bem como conversas muito proveitosas e principalmente uma relação de colaboração para além do projeto, muitas vezes foram mencionadas ideias para dar continuidade às produções, conversas em

relação ao uso dos espaços expositivos da cidade e da própria cidade como ambiente de intervenção, seja ela musical, teatral e até mesmo de convivência coletiva.

Pude perceber que, por mais que o grupo fosse diverso em sua formação, possuía vários princípios e ideais semelhantes, fato que os fez estar ali unidos. Foram horas de trabalho que no primeiro dia renderam tapumes pintados, desenhos iniciados e também moldes vazados para estêncil já recortados, o que incentivou ainda mais os colaboradores, pois começaram a ver seus trabalhos tomando forma.

Durante as conversas com o grupo no primeiro dia de trabalho alguns mencionaram sobre sua disponibilidade de horários, desta maneira pude perceber que mesmo trabalhando durante três dias durante a noite o tempo não seria suficiente para que se finalizassem todos os painéis da proposta, assim replanejei os horários e aumentei o tempo de laboratório, incluindo três tardes em que eu estaria na Sede do Lions Clube; assim, quem estivesse disponível poderia dar continuidade aos projetos. No segundo dia de laboratório mesmo sem os colaboradores poderem ter comparecido na parte da tarde construí um painel em tecido com alguns dos modelos já criados por mim e pelos colaboradores e durante a noite o grupo trabalhou mais uma vez de maneira intensa e comprometida. A maneira de adaptar o desenho ao estêncil foi uma das maiores dificuldades do grupo, porém com um pouco de tempo todos conseguiram adequar seus projetos.

Leonardo e Daiane fizeram um painel em conjunto que foi projetado por ambos a partir dos detalhes das igrejas da cidade. Eduardo optou por usar alguns detalhes geométricos da fachada do tradicional Hotel Cordoni, agregando dois personagens que compunham outra fotografia de referência e as figueiras que fazem parte da história da sua família. Vinícius optou por trabalhar o fundo de seu tapume com bastante cor e criar um estêncil grande fazendo referência ao portão da Casa de Cultura. Karla optou por estruturar seu projeto baseando-se na fachada da Farmácia São Pedro, que conserva até os dias de hoje a mesma arquitetura.

Durante o segundo dia de trabalho no laboratório buscamos tentar resolver o problema de expor os tecidos na Praça da cidade a fim de que pudesse contemplar os objetivos do projeto sem deixar de lado a preocupação com a integridade das produções resultantes, pois existiam preocupações coletivas a respeito também da segurança da estrutura da Caixa d'Água cedida à mostra. Na

segunda noite alguns painéis já estavam finalizados, sendo que o processo mais intenso foi o da confecção dos moldes vazados, pois detém certo cuidado e tempo para criação. No terceiro dia de laboratório Karla construiu suas produções em estêncil finalizando seu painel. Durante este tempo optei por dar atenção aos painéis de tecido que ocupavam quase todo o local onde estava acontecendo o laboratório, assim deveria aproveitar o momento em que havia menos pessoas no espaço.

Em um dos tecidos busquei criar uma composição que integrasse todos os moldes criados pelo grupo, onde os desenhos elaborados, de certa maneira conseguiram dialogar uns com os outros favorecendo muito a construção do painel. Em outro tecido foi realizado um fundo a partir de tintas coloridas e sob ele as inscrições #SPSArteColaborativa, identificando o projeto a fim de que a população pudesse dialogar com o mesmo em suas ações presentes e futuras.

Figura 24 Projeto em tecido integrando os stencils criados no laboratório.



Figura 25 Processo de criação dos colaboradores do projeto ResgateStencil. Março 2015.



Durante a noite os colaboradores tiveram tempo para finalizarem os seus painéis. Leonardo e Daiane estavam confeccionando o segundo com uma interpretação do olhar da estátua de São Pedro Apóstolo, que fica em cima da igreja, para a cidade. Eduardo finalizou o fundo do seu painel para inserir os três moldes que estavam faltando. Vinicius concluiu o estêncil em formato grande e o aplicou ao seu painel que já estava com o fundo pronto. Os colaboradores ficaram muito satisfeitos com os tecidos principalmente com o criado a partir dos modelos em estêncil de cada um. Nesta terceira noite de encontro todos puderam finalizar seus trabalhos nos tapumes em madeira e ver os resultados do conjunto como um todo.

Figura 26 Colaboradores envolvidos no projeto ResgateStencil. Março 2015.



Analisando os dias de criação com o grupo pude perceber que todos se interessaram sobre o projeto de maneira responsável, isto se deu principalmente em função da carência que relataram sentir sobre a displicência com a cultura dentro do município bem como a falta de locais a serem frequentados para atividades diferenciadas. Por mais que os dias de laboratório tenham sido poucos todos conseguiram encontrar seu papel no grupo e principalmente trabalharem de maneira colaborativa, adequando seus projetos pessoais aos objetivos do laboratório, relacionando a arquitetura antiga à atual, reformulando conceitos acerca da arte e principalmente em relação aos modos expositivos da arte e da sua inserção no contexto urbano.

Figura 27 Exposição dos tecidos criados com os colaboradores do Projeto ResgateStencil na Praça Crescencio Pereira. Março 2015.



Durante o domingo que sucedeu a semana do laboratório, no dia 22 de março, a cidade completou 89 anos e muitas atividades haviam sido programadas para comemorar o aniversário de emancipação político-administrativa. A Praça Crescencio Pereira foi o palco da maioria das festividades, neste dia grande parte da população deslocou-se ao centro da cidade para prestigiar as atividades comemorativas. Como já havia sido planejado, a parte inferior da Caixa d'Água

serviu de espaço para a intervenção de parte dos trabalhos realizados no laboratório ResgateStencil. Quatro tecidos medindo 2,4m X 3,5m foram fixados em sua parte superior nos vãos entre as colunas que sustentam a Caixa d'Água não impedindo a passagem dos pedestres. Dentro do espaço expositivo da Casa de Cultura foi montado o restante da exposição com os tapumes criados pelo grupo e um vídeo com as imagens que serviram de referência para o projeto mostrando a história da cidade através de fotografias.

A intervenção na Praça Crescêncio Pereira e a exposição na Casa de Cultura ficaram montadas de 22 a 31 de março, abertas à visita da população, sendo que nos dois espaços foi fixado um texto com uma explicação acerca do projeto mostrando a ação dos colaboradores e as referências que nortearam a produção dos trabalhos. Durante o dia 22 pude ter uma aproximação maior com população que estava no centro da cidade prestigiando das comemorações de aniversário do município e inevitavelmente tiveram contato com os trabalhos expostos na Praça, muitas pessoas pararam para ler o texto que discorria sobre o projeto, outras pessoas vieram me questionar acerca do que se tratavam os tecidos pendurados. Durante o período da tarde foram entregues cerca de 500 convites em formato de cartão de visita para a população convidando para ver a intervenção no espaço central da Praça Crescêncio Pereira e no espaço da Casa de Cultura.

2.2. COLABORAÇÕES COLETIVAS

Em muitas situações as ações colaborativas tomam proporções maiores do que ações individuais pelo fato de estarem sendo desenvolvidas a partir da ação de diversas pessoas. Os grupos além de dividirem as tarefas dos projetos criam também um vínculo em formato de rede com quem colabora para que os trabalhos aconteçam, assim além de beneficiarem o próprio coletivo expandem ainda mais a visibilidade dos projetos criados e desenvolvidos. Existem muitos outros grupos coletivos de ações artísticas que envolvem a cidade e os moradores como referências para os projetos e para os trabalhos desenvolvidos nestes contextos. Percebe-se que desta maneira o processo de aceitação das comunidades frente ao

novo acontece de uma maneira mais comprometida, pois também são responsáveis pelos resultados daquela proposta, o trabalho parte de si, para si e para os outros.

Como exemplo, o grupo Poro, fundado em 2002 em Minas Gerais pela artista Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada!. Ambos sentiam a necessidade de inserir-se no cotidiano dos espaços a fim de criar dispositivos para que a população interagidora pudesse ressignificar sua subjetividade e as suas vivências a partir da arte presente no espaço urbano e levantar questões sobre os problemas das cidades através de uma ocupação poética e crítica dos espaços.

A cidade é um território fértil para nossas ações. Buscamos estabelecer relações diretas com a cidade e todo seu universo comunicacional e simbólico, ampliando e flexibilizando o significado e o entendimento sobre arte e construindo situações que fogem do uso rotineiro do espaço público. Frente às recorrentes iniciativas de remodelar as cidades com fins privados e puramente empresariais e de transformar o espaço público em espaço de consumo e os cidadãos em meros consumidores, perguntamos: por que não ocupar os espaços com interferências questionadoras? Por que não constituir cidades onde a vida tenha mais qualidade e seja mais instigante e criativa? Queremos gerar espaços de encantamento, suspensão e desvio. Fazer com que o sutil, o efêmero, apareça em gotas na cidade acelerada, que é cada vez mais levada a uma verticalização árida, ao concreto e ao asfalto, em suas pistas duplicadas e sem árvores (temos certeza de que a cidade não precisa ser assim (CAMPBELL; TERÇA-NADA!, 2011, p. 7).

O grupo Poro além de construir seus trabalhos em colaboração com os artistas do grupo busca também a criação e consolidação de projetos com outros grupos de coletivos. Estas parcerias passaram a acontecer a partir do momento em que a ascensão da internet no Brasil se deu de maneira mais intensa, propiciando a comunicação e troca de experiências dentro do contexto artístico. A cidade, objeto de estudo semelhante aos grupos envolvidos neste processo de “parceria”, é o principal habitat de criação e propagação destes projetos, o espaço público, segundo Campbell (2015, p.8) “parece ampliar o potencial político e rebelde da arte, fortalecendo o aspecto de liberdade da produção”. Esta criação de redes comunicacionais entre os grupos coletivos além de potencializar o processo criativo como um todo também fortalece as ações, que em alguns casos acontecem em diferentes lugares ao mesmo tempo e em outros passa a ter uma visibilidade em determinados espaços geográficos, que antes não haveria.

O grupo, em 2010, realizou a ação “Perca Tempo”, em Belo Horizonte. A ação consistia em abrir uma faixa nos cruzamentos, com o dizer “Perca tempo”, enquanto o sinal de trânsito estava fechado. Ao mesmo tempo alguns colaboradores distribuíam panfletos intitulados “10 maneiras incríveis de perder tempo” e “+10 maneiras incríveis de perder tempo”. Esta ação convida o público que esta inserido no cotidiano tradicional da cidade a perder tempo, ação que atualmente foi esquecida, pois o tempo no mundo pós-moderno passou a ser muito valorizado, e utilizá-lo de maneira ociosa, o que, aos olhos de muitos, não cabe mais.

Figura 28 Material entregue na Intervenção Urbana Perca Tempo



Figura 29 Registro da intervenção Perca Tempo



O projeto “Muros: territórios compartilhados” é outro exemplo de trabalho coletivo realizado a partir de um edital onde foram selecionados sete propostas para serem desenvolvidas em muros de cidades. O projeto contou em sua terceira edição com o formato de residência artística com o intuito de que os artistas selecionados pudessem conviver com a comunidade onde os trabalhos estariam sendo realizados. A possibilidade de uma aproximação com a cultura da cidade cria, em muitos casos, uma oportunidade de (auto) conhecimento, de troca entre os participantes, de ressignificação coletiva a partir dos repertórios individuais e do contexto local.

Mesmo o projeto não tendo se estabelecido como um coletivo, como a maioria dos grupos organiza-se, ou seja, com um grupo de artistas fixo e trabalhando com temáticas semelhantes, a organização deste projeto cria também uma rede de trabalhos e ações que se reconfigura a cada edital, pois os artistas e projetos selecionados sempre mudam, mudando também a lógica de organização do grupo.

Figura 30 Intervenção artística Leilão Piolho Nababo Muros Territórios compartilhados.



Fonte: http://muros.art.br/?page_id=1017

A inserção destes coletivos no espaço urbano permite aos espectadores que tiveram a oportunidade de se relacionar com as intervenções, uma maneira diferente de perceber a cidade e os locais aos quais já estão familiarizados. Assim, a partir da inserção da arte no contexto urbano são convidados a refletir sobre seus trajetos, sobre os locais em que as intervenções ocupam, a maneira que buscam se relacionar com seu entorno.

Durante a viagem à Bauru, mencionada anteriormente, conheci alguns trabalhos colaborativos coordenados por Tom Lisboa, Mestre em Comunicação Visual que atua como artista e cineasta. Há alguns anos o artista desenvolve projetos e trabalhos na área de artes visuais com uma ligação muito intensa com o digital e a cartografia, de maneira colaborativa com membros de diferentes cidades, estados e países.

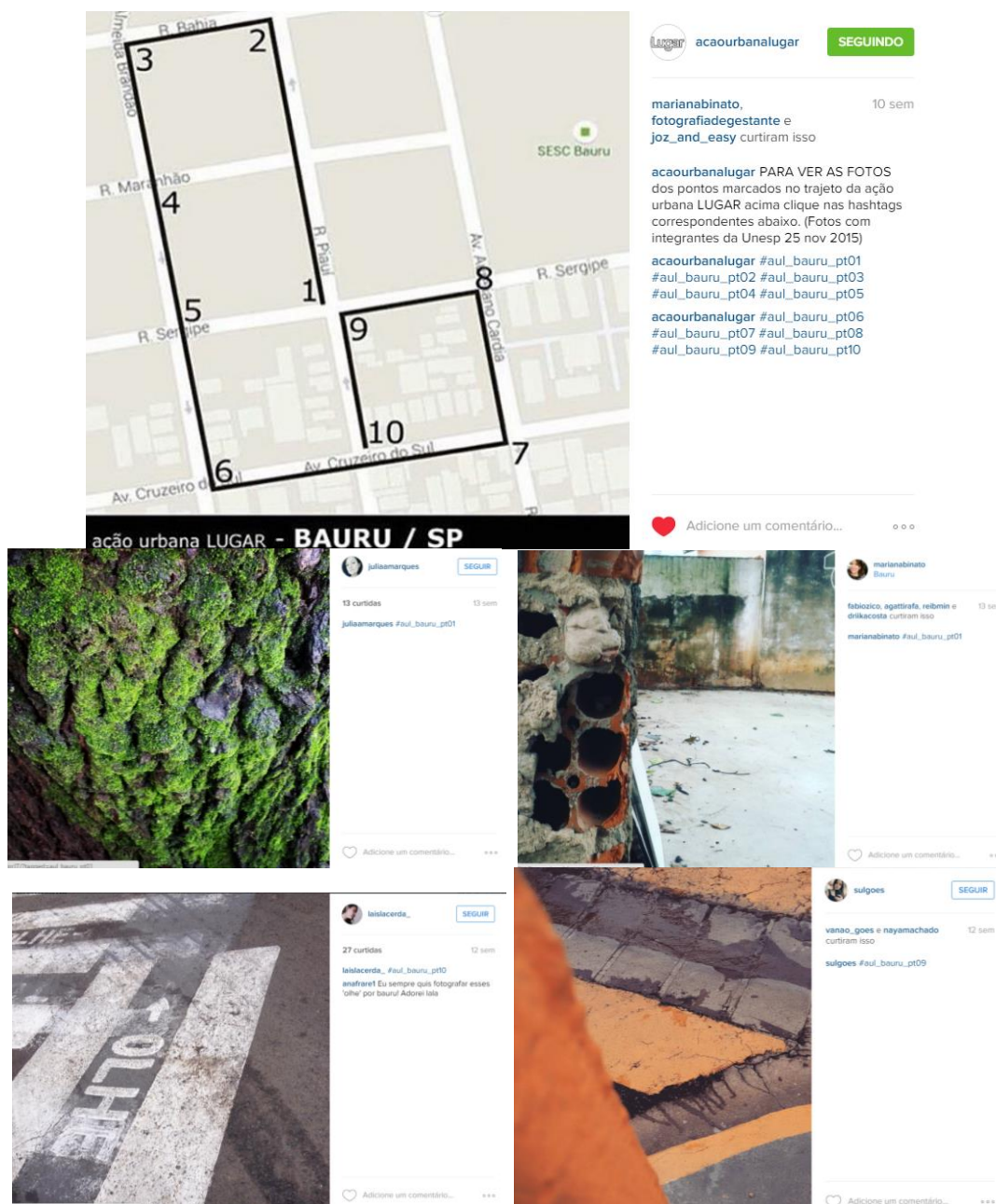
A partir do Workshop proposto no evento pude conhecer um de seus projetos denominado Ação Urbana Lugar. Segundo o artista:

A ação urbana LUGAR teve início em Tóquio, em 2008. Idealizada como projeto aberto, LUGAR pode ser realizada por qualquer pessoa, desde que observadas algumas regras tais como: o trajeto em L (de LUGAR) é desenhado por mim; cada L terá 20 pontos de parada para realizar fotos; em cada ponto é possível fazer no máximo quatro fotos; as fotos são publicadas no formato quadrado; o fotógrafo é responsável pela escolha da técnica e das fotos que serão exibidas no site (LISBOA, 2013, p. 11).

A proposta do artista foi que o grupo percorresse 10 pontos de um trajeto em “L” estipulado por ele dentro do mapa de Bauru, passamos a olhar aquele trajeto percorrido com o olhar diferenciado de cada participante da ação, o mesmo ponto se revelava de diferentes maneiras, principalmente para quem nunca havia percorrido aquele lugar, mas também aos nativos que acabam exercitando um olhar estrangeiro frente ao espaço já conhecido. O uso do aplicativo/rede social Instagram é a plataforma de suporte dos registros da ação e ali encontram-se todos os percursos realizados por Tom desde 2008, que podem ser pesquisadas através da *hashtag* seguida das letras aul (ação urbana lugar), do nome da cidade e da identificação sequencial numérica pt01, 02, por exemplo #aul_bauru_pt01.

Durante o percurso realizado o grupo envolvido passou a questionar-se sobre as diferentes visões da cidade, seja pelas pessoas que não a conheciam, como eu, seja pelos seus moradores, que acabam se afastando ainda mais do espaço urbano mesmo estando inseridas nele de maneira vital. Quando passamos a praticar a deriva de maneira voluntária percebemos o quanto nossa percepção sobre a cidade, sobre os locais de percurso e sobre a presença do outro neste espaço são deixadas de lado. Em muitos momentos nos vimos partindo de um local e chegando a outro sem sequer olharmos o que estava a nossa volta. Se praticarmos o exercício de refazermos o caminho que fizemos diariamente mentalmente muitos sequer vão mencionar os detalhes, que mesmo não parecendo importantes, acabam interferindo em nossa subjetividade e conseqüentemente em nossa individualidade.

Figura 31 Ação Urbana Lugar em Bauru – SP.



Fonte: https://www.instagram.com/p/_IP5WWprJ7/?taken-by=acaourbanalugar

Construir situações, este é um dos principais focos desta prática artística que possui uma aproximação do movimento Internacional Situacionista (IS), que nasceu na Europa na década de 50, trabalha-se com a ideia da desaceleração para apreender a cidade. Sobre o Situacionismo Maroso (2014) comenta.

O conceito de situação afirma-se na realização coletiva e comportamental do ser na cidade, criando novos e desviantes usos da mesma. Desta maneira, a trama cidadina se restitui à escala anatômica, à escala do corpo participante e coletivo, em contraposição ao macroestrutural urbanista. Tais assertivas contrapõem a anulação da potência criativa pelo espetáculo de participação verticalizada e mediatizada por imagens, valores e tráfegos do *status quo*. Contrário ao modelo corbusiano calcado no rigor e progresso técnico-científico, o Situacionismo propõe, assim, uma reconstrução de significados – imaginista, unitária e política. O andar é dimensionado como atividade alternativa na busca por tomar a cidade pela vontade e participação direta de seus habitantes (MAROSO, 2014, p. 79).

Os conceitos de deriva e ativação da cidade proporcionam um estado particular de inserção no contexto urbano, revelando suas potencialidades e criando experiências urbanas convidativas que podem ser partilhadas colaborativamente. O fato desta ação colaborativa com o grupo envolvido em Bauru e com Tom Lisboa criou uma rede de contatos e, conseqüentemente, de colaboração para ações futuras.

Após o período deste evento, já havia sido programado, juntamente com o Grupo de Pesquisa Arte e Design, uma vivência artística na cidade de São Pedro do Sul, com o intuito de que os membros do grupo pudessem conhecer a cidade, capturar imagens e vivenciar aquele contexto a fim de que, posteriormente pudéssemos realizar na cidade uma mostra de produções do grupo a partir do material coletado. Após contatar o artista Tom Lisboa, incluímos em nosso projeto a realização paralela de uma Ação Urbana Lugar, onde nos encaixaríamos nas diretrizes definidas pelo propositor (Tom) para realizarmos a experiência do projeto coletivo de vivência artística do grupo. Com a chegada dos integrantes do grupo de pesquisa à cidade passamos a percorrer o centro da mesma, visto que ali concentrou-se nossa vivência. Devido a impossibilidade de visita ao museu histórico e paleontológico, pois o mesmo encontrava-se fechado, mudamos nosso destino e fomos visitar um espaço cultural da cidade. O Sebo Terra Livros e espaço cultural foi idealizado por uma são-pedrense que viveu durante anos fora da cidade, professora aposentada Mariza Polenz⁶ passou a vender seus livros da época da faculdade em um sebo online e, mudando-se novamente para a cidade, abriu um espaço para a venda dos mesmo. O espaço conta também com um café e restaurante a noite bem

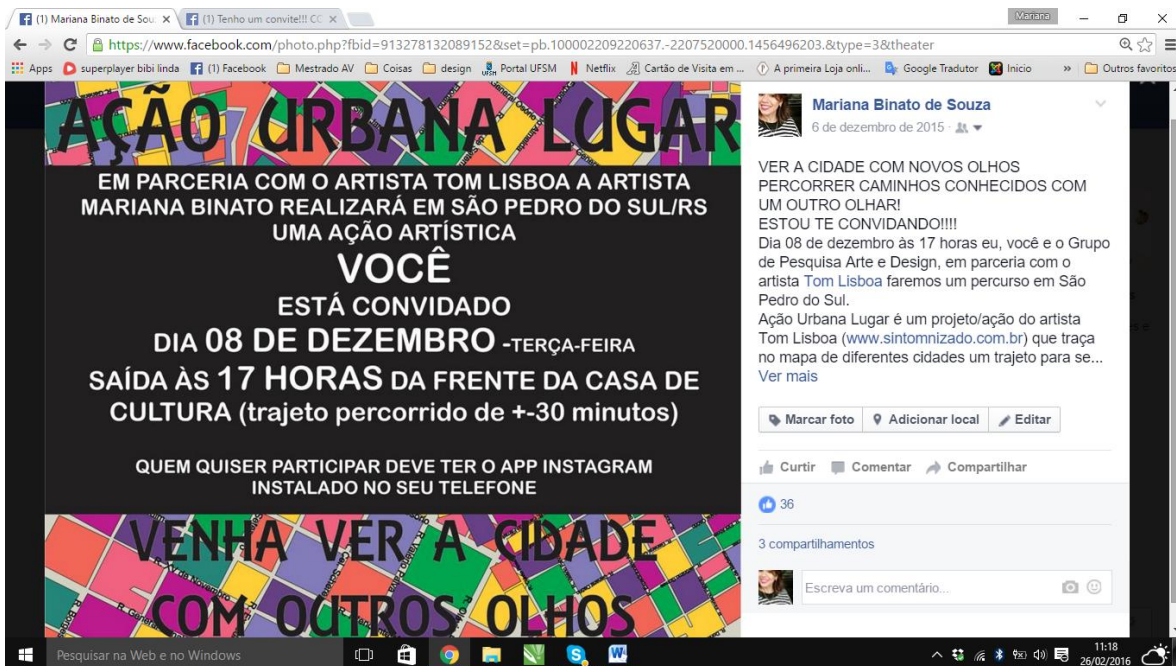
⁶ Termos de consentimento em Anexo B

como um espaço de exposições. Como no lugar existem muitos objetos históricos que fizeram parte da família de Mariza e da história de São Pedro ficamos um tempo olhando e conversando sobre realizarmos naquele espaço uma exposição de trabalhos do grupo a partir dos registros feitos na vivência.

Posteriormente convidei o grupo de colegas para dedicarmos um tempo de duas horas para percorrermos o espaço central da cidade, onde concentra-se a maioria do comércio e da arquitetura histórica do município para que, individualmente, pudessem coletar as informações que gostariam, fossem elas visuais, sonoras, audiovisuais, relatos, entrevistas, praticando o olhar estrangeiro perante o lugar que vinham pela primeira vez. Todos os colaboradores ficaram livres e percorreram diferentes caminhos, em algum momento vinham questionar o que ainda funcionava em determinados prédios antigos, comentavam sobre a semelhança ou não de suas cidades de origem. Nos reunimos e trocamos informações sobre os espaços que visitaram e fotografaram. Após o período de deriva urbana nos reunimos para uma conversa e lanche no centro da praça para que todos pudessem trocar ideias e principalmente para que eu pudesse questioná-los a respeito de suas percepções da cidade como um todo. O principal fato que muitos comentaram foi sobre a aparência pacata e aconchegante que a cidade tinha, que mesmo sendo um município do interior e pequeno parecia desenvolvido e próspero.

Questionei também os colaboradores sobre o que eles achavam da minha pesquisa na cidade e sobre meus objetivos de proporcionar a cidade experiências artísticas urbanas. Muitos acreditam que este é realmente algo que a cidade carece pois, a partir dos meus relatos, perceberam que poucas ações acontecem na cidade e que a população por mais que sinta falta e necessidade de que aconteçam momentos de partilha e novas vivências culturais não interage da maneira como seria significativo para os próprios sujeitos, para o projeto e para a cidade.

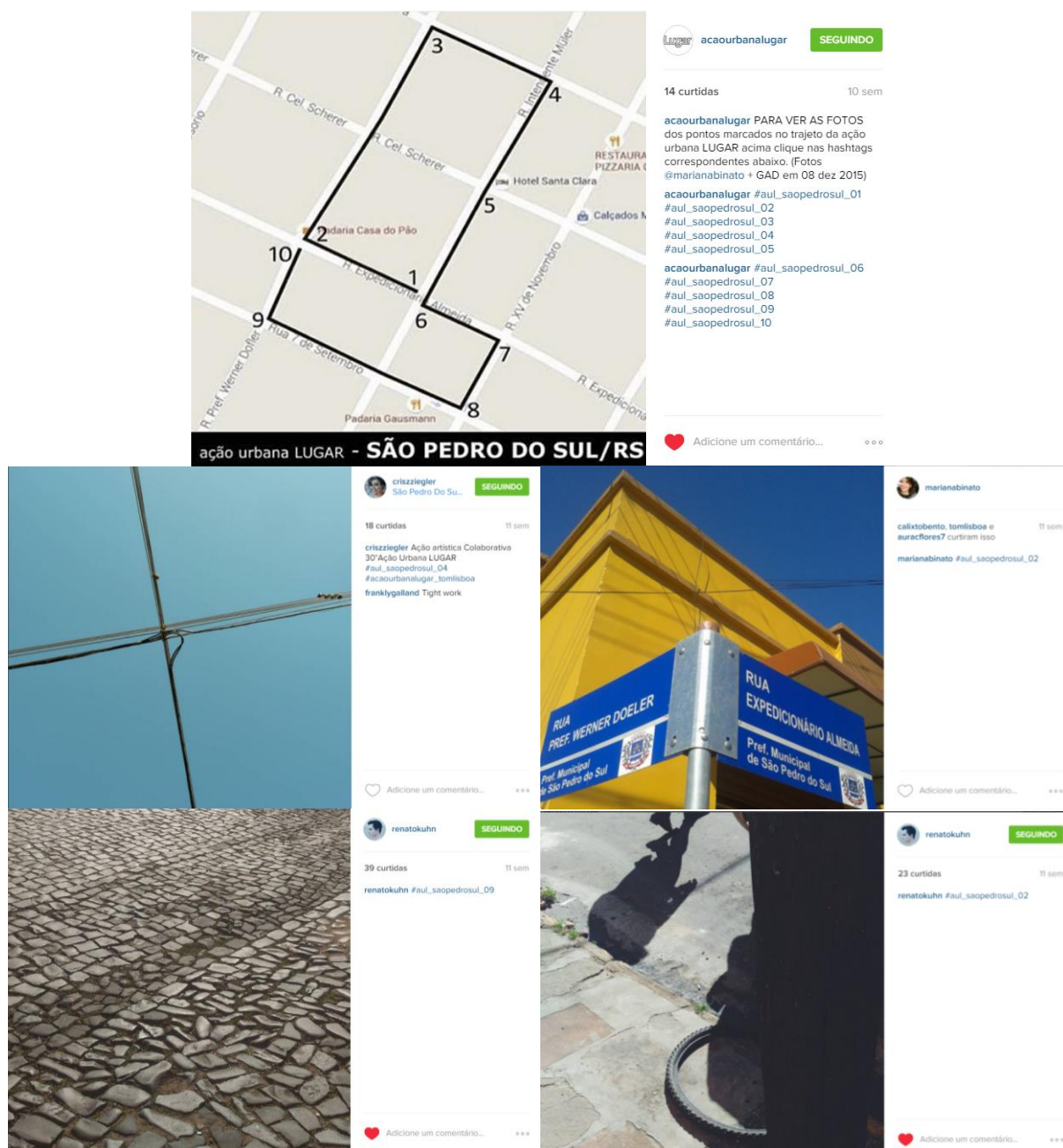
Figura 32 Convite disponibilizado em rede social à comunidade sãopedrense para vivência artística.



No dia da vivência artística com o grupo de pesquisa arte e design a população foi convidada, através das redes sociais, a participar da deriva urbana que seria realizada. O grupo seguiu o trajeto proposto por Tom Lisboa em formato de L que abrangia principalmente o centro da cidade, o início e o fim se deram na Praça Crescêncio Pereira. Durante o percurso o grupo foi percorrendo um espaço pelo qual ainda não havia passado, afastando-se um pouco da área de comércio e percorrendo uma área residencial.

A medida que iam caminhando e conhecendo aquela parte específica da cidade e percebendo as características dos pontos determinados por Tom, nos pontos todos faziam fotografias com seus smartphones e publicavam na rede social Instagram especificando os lugares em que os registros haviam sido feitos com a legenda previamente combinada, #aul_saopedrosul_01 e numerados os pontos sequencialmente.

Figura 33 Ação Urbana Lugar em São Pedro do Sul. Fonte: https://www.instagram.com/p/_IRMwBprMq/?tagged=aul_saopedrosul_09



Esta experiência de observar o mesmo lugar com diferentes olhares revela a cartografia da cidade em movimento, os locais são os mesmos, por mais que os ângulos não sejam aos olhos dos membros do grupo envolvido. Revela-se assim uma cidade vista, uma cidade compartilhada por pessoas e para pessoas, sem que sejam referendados pontos turísticos ou comércio específicos, o que está em questão são as visões que os colaboradores apresentam acerca da cidade.

A imagem eletrônica dá lugar a uma cartografia em movimento, não mais circunscrita a uma geografia fixa, mas é capaz de captar os mínimos movimentos a que a realidade física esta permanentemente sujeita. Essas características das novas cartografias – amplitude, diversificação, processos mecanizados e mobilidade – repercutiram decisivamente no olhar cartográfico do homem contemporâneo. Ao se analisarem as relações da arte com a cartografia na contemporaneidade, detectam-se as alterações possibilitadas pelo uso das tecnologias numéricas. Novas formas de pensamento, não mais lineares e analógicas, tratam com um mundo transformando em números – e dispendo de uma diversidade complexa de mecanismos de representação capazes de apreender territórios imperceptíveis a olho humano. Alguns artistas utilizam essa disponibilidade de recursos técnicos e conceituais na exploração de novos horizontes, abrindo diálogos e interações (BULHÕES, 2011, p. 85).

A cidade se revela para além dos mapas, ela constrói seu trajeto a partir do imaginário e das afetividades construídas pelos caminhantes da vivência, que mesmo não possuindo uma relação afetiva anterior com as ruas e edificações passam, a partir desta aproximação, a ver a cidade com base em suas vivências e repertórios anteriores. A experiência de criação coletiva com o artista Tom Lisboa, trouxe à vivência artística do grupo de pesquisa um senso de colaboração e interação para além do que havia sido trabalhado até então, criando um entendimento do grupo para que projetos futuros a partir desta vivência fossem compreendidos considerando o processo de criação com o outro colaborativamente e também individualmente.

Destes momentos compartilhados em uma ação única, o grupo revelou-se interessado em criar uma rede de informações para ações e práticas futuras que pudesse construir coletivamente propostas artísticas e também acadêmicas. Assim, o grupo foi convidado a elaborar no período de quinze dias um texto colaborativo refletindo sobre a Vivência Artística em São Pedro do Sul e sobre as questões que envolviam este grupo que tem como principal conceito a colaboração. A organização da criação textual se baseava em uma listagem de pessoas, o primeiro iniciava a escrita de um parágrafo do texto, encaminhava ao próximo membro da lista que dava continuidade à escrita e assim sucessivamente. Como após a vivência já havia sido feito um encontro com os membros envolvidos, todos já haviam entendido e discutido sobre as temáticas abordadas no texto, como autoria colaborativa, espaço urbano, ação artística pública, cartografia, cidade e principalmente sobre o fato de as

ideias após escritas poderem ser modificadas pelos colaboradores. Assim, após a escrita colaborativa dos oito membros do grupo o artigo intitulado “Co[laborar] e compartilhar territórios: a experiência estética urbana”⁷ tomou forma como a primeira produção acadêmica colaborativa do Grupo.

O grupo ainda tinha a intenção de realizar uma exposição em São Pedro do Sul como parte da vivência artística realizada na cidade. Criando assim uma relação distinta da até então vivida com a população da cidade, possibilitando a interação com os projetos individuais que cada colaborador estaria mostrando bem como com o trabalho criado colaborativamente com o grupo. A mostra coletiva do grupo, programada para a segunda quinzena de março, época em que a cidade comemora seu 90º aniversário traz com principal foco da mostra, trabalhos que serão expostos dentro do espaço expositivo e também no espaço urbano convidando a população a interagir com o que será proposto.

Figura 34 Projeto participante 1 para Exposição coletiva



⁶O texto criado em colaboração com o grupo envolvido na Vivência artística encontra-se no Anexo C.

Figura 35 Projeto participante 2 para Exposição coletiva⁸

Figura 36 Projeto participante 3 para Exposição coletiva



Os trabalhos além de serem expostos em dois espaços ainda possuem um vínculo com a tecnologia e a interatividade, pois alguns projetos individuais contam também com as redes sociais e a colaboração do público que interage em tempo real com a exposição revelando imagens da cidade através da rede. Os projetos colaborativos possuem uma relação muito estreita com as referências e bagagens culturais que os membros do grupo trazem, pois neste caso nenhum faz parte do contexto que está sendo estudado e visitado, a cidade é o ponto de partida em comum para todos. Mesmo que relacionando diferentes tempos históricos, hibridizando as tecnologias de acesso, percebemos que o fato dos colaboradores possuírem um objetivo em comum, embora cada um tenha suas especificidades, permite criar um vínculo que direciona o projeto de uma maneira única.

⁸ Cristiane Ziegler Leal

Os coletivos artísticos ou os grupos que se organizam para propor estas interferências e intervenções no contexto das cidades, sejam elas pequenas ou não, possuem um papel muito relevante para o contexto no qual se inserem, pois além de criarem dispositivos para perceber o cotidiano de uma maneira singular reforçam a ideia de que a arte pode desvincular-se dos espaços expositivos e permear os diferentes espaços da cidade com o intuito de estabelecer um diálogo tanto com a cidade quanto com seus próprios habitantes. Este fato de relocar projetos e ações artísticas, que se faz muito presente na contemporaneidade e no contexto da arte, propicia um direcionamento à experiência cultural e artística cotidiana, não somente para a contemplação, mas também à ressignificação pessoal e coletiva em relação à arte e o urbano.

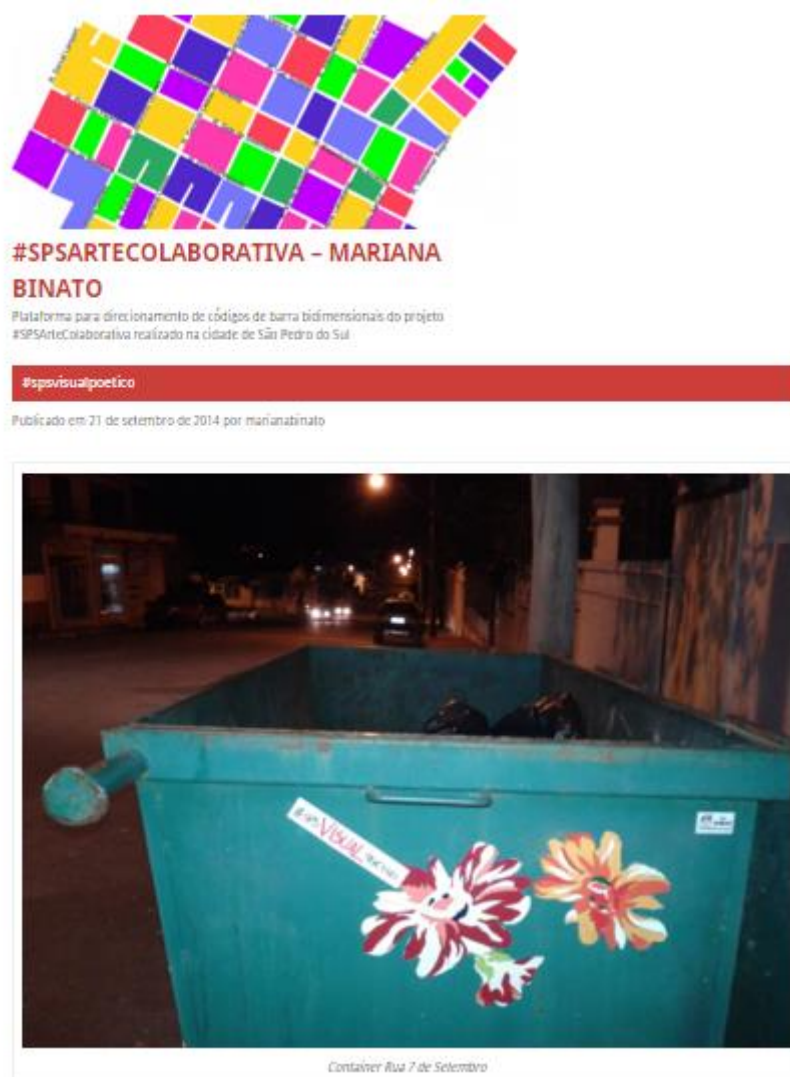
Capítulo 3

HIBRIDAÇÕES COLETIVAS

Como forma de inserção da arte no contexto urbano realizei uma intervenção nas ruas da cidade de São Pedro do Sul com diferentes imagens de flores características de tecidos de chitão em formato 20cm X 20cm impressas em adesivo, estas imagens acompanharam meu percurso como pesquisadora na linha de Design de Superfície desde a graduação e neste momento da pesquisa faziam parte de um processo de transição entre as pesquisas anteriores e a que no momento iniciava. Este material foi colocado no trajeto cotidiano da população, em faixas de segurança, postes, paradas de ônibus, fachadas de casas antigas, com o intuito de inserir um ícone incomum ao espaço tradicional de convivência da população de uma maneira diferente, buscando despertar o interesse e o olhar renovado ao que estamos acostumados.

Juntamente com os motivos florais seguia a inscrição #SPSvisualpoético a fim de que a população pudesse interagir com as intervenções, através das redes sociais, usando esta identificação, unindo os usuários nas inscrições após o símbolo “#”, conhecido como *Hashtag*. Porém mais do que apenas uma forma de inserir-se no contexto urbano esta intervenção possuía um processo de criação tecnológico que fazia uma relação entre as intervenções reais em um ambiente digital. Assim os locais onde foram inseridos os adesivos florais foram fotografados e publicados em um site próprio, www.marianabinato.wordpress.com, a fim de que, desta publicação, fosse gerado um código bidimensional, denominado QR Code, pelo qual o usuário interator poderia ser redirecionado ao site a partir de um aplicativo leitor do código, para o local da intervenção, podendo visualizar os registros fotográficos que aconteceram na cidade de São Pedro do Sul.

Figura 37 Registro fotográfico da intervenção em São Pedro do Sul



Os códigos foram expostos na mostra anual no Grupo de Pesquisa Arte e Design, em 2014, denominada “Itinerários” na Sala Cláudio Carriconde do Centro de Artes e Letras na Universidade Federal de Santa Maria e na exposição “Arte e Design: compartilhar saberes” em São Pedro do Sul. A experiência de expor uma visualidade diferente do que o restante da mostra parece que gerou interesse, porém certo desconforto aos espectadores, pois os códigos se parecem muito uns com os outros, mas possuem informações distintas que só serão conhecidas a partir da interação, no caso os registros fotográficos dos espaços que aconteceram as intervenções em São Pedro do Sul.

Figura 38 Códigos Bidimensionais expostos na mostra do Grupo de Pesquisa Arte e Design, 2014.



Os códigos necessitam, inevitavelmente, que o usuário possua um aparelho compatível, *smartfone*, *tablet* ou similar, e que instale o aplicativo que faz a leitura do código a fim de que tenha acesso ao conteúdo. No local exposto havia instruções a serem seguidas pelos usuários para que pudessem ser direcionados ao ambiente digital onde os registros fotográficos estavam disponíveis.

O caráter tecnológico que inclui usuários e interage com os espectadores também possui um papel limitador; necessita que o interator tenha certo tempo, para poder realmente interagir com o trabalho, que possua ferramentas, no caso, aparelhos compatíveis ao processo, para ter acesso ao que está sendo proposto como forma de interação e principalmente tenha interesse em desvendar o que os códigos bidimensionais têm a informar.

A tecnologia ainda é vista dando-se ênfase a dificuldades de conservação, registro, modos de exposição, valor de mercado e obsolescência das mídias e suportes, como menciona Sandra Rey (2012); Porém o processo de hibridação em arte e tecnologia apresenta evoluções constantes. Podemos perceber de maneira muito evidente que os artistas estão adentrando à tecnologia sem receios e prejulgamentos, pois se torna cada vez mais claro que mesmo as artes primeiras, como a pintura e o desenho, podem ser revisitadas a partir da tecnologia, sem que

seja perdido seu potencial artístico. Não há nenhum intuito de que haja rupturas, a tecnologia, como explica Sandra Rey (2012), busca apenas fornecer um suporte e maiores possibilidades. Assim, a arte contemporânea passa a se aproximar ainda mais dos seu espectadores a partir dos meios que a tecnologia dispõe. Mesmo que estes suportes ainda tenham certo distanciamento do público em geral, quando usados, prendem a atenção pois revelam uma maneira diferente de se criar e se relacionar com a arte, principalmente jovens e crianças que demandam relações tecnológicas em todos os âmbitos, tendo em vista sua maior familiaridade.

A gama de tecnologias utilizadas atualmente, como aliadas dos artistas e dos seus processos de criação, torna-se cada vez mais ampla. Dispositivos e programas antes utilizados apenas em determinadas áreas permitem ao campo artístico novos meios de criar e, a partir de seus resultados, possibilitam o início de novas produções. Na maioria dos casos as obras que se utilizam da tecnologia partem de imagens que existem ou não no mundo físico. Assim, quando digitalizadas, fotografadas ou codificadas a partir de algum tipo de varredura passam a existir em números, como é o caso do uso de imagens analógicas históricas que passam a fazer parte dos meios digitais através de sua numerização. Couchot (2003) explica que, a partir do momento que a imagem é numerizada, há a possibilidade de colocá-la em memória, duplicá-la, transmiti-la, através de qualquer meio, e ela passa a existir tanto no ambiente físico quanto no digital. A experiência realizada neste estudo com a proposta do laboratório ResgateStencil, veiculando fotografias antigas da cidade em comparação com registros atuais, possibilitou inúmeras relocações em espaços, mídias, redes sociais e diversos modos de propagação da imagem; isso foi possível pelo fato de terem sido codificadas, favorecendo sua replicação.

Através da numerização as imagens podem sofrer os mais diferentes processos de modificação, o artista a partir de uma imagem base, passa a criar novas imagens, transformá-las, utilizando-se dos mais variados programas tecnológicos que permitem que estes processos híbridos possam acontecer.

[...] esses procedimentos utilizados pelos artistas da modernidade são dilatados, ampliados e qualificados com as novas tecnologias que permitem dar os mais variados tratamentos à imagem, como se esta fosse uma cenografia. Resultam, assim, imagens fictícias e/ou híbridas (PLAZA e TAVARES, 1998, p. 196).

Os processos híbridos atuais baseados na tecnologia permitem não só a construção da imagem, mas também alterá-la conforme seus elementos a partir de dispositivos interativos, conforme lembra Sandra Rey (2012). Podemos perceber que as obras de arte contemporânea expostas não estão acabadas, elas se constroem gradativamente, a partir da interação com quem a observa, esta abertura acontece a partir da tecnologia e suas capacidades de troca. A interação por meio dos códigos bidimensionais permite que seja feita uma relação entre o mundo físico, em que o próprio código e o sujeito habitam, com as informações presentes no ambiente digital, que dizem do ambiente físico porém de uma maneira própria.

Estas relações entre os diferentes espaços que habitamos, sejam eles reais ou virtuais, permitem que possamos nos revelar como seres híbridos, que transitamos em ambientes distintos no mesmo espaço temporal, sem que percamos nossos vínculos ao espaço o qual habitamos. Passamos a deixar de lado as terminologias que selecionam e separam tempos e espaços, nos permitimos viver em um local híbrido, de conceitos e de terminologias, que buscam abarcar todas as experiências que vivemos cotidianamente.

Os processos de interatividade, que se tornam cada vez mais presentes no contexto contemporâneo, dão abertura e liberdade ao sujeito observador, há uma relação de aproximação e dependência entre ambos e que Valente (2008) explica como uma hibridação interformativa, ou seja, é o processo híbrido que acontece a partir de obras produzidas em procedimentos colaborativos e cooperativos, os sujeitos interatores são tão importantes quanto o próprio artista, pois somente a partir deles e da sua capacidade e interesse de interação é que a obra acontece, ou seja, sem sua participação ela apenas existe, sem conseguir instaurar-se como tal. Este tipo de hibridação interformativa faz alusão também à ação de autoria colaborativa, pois o fato de diversas pessoas colaborarem com o processo de

criação e de construção do projeto são também atos híbridos, que relacionam diferentes referenciais e sujeitos.

Nesta perspectiva, este processo de relação e hibridação interformativa não acontece somente no âmbito tecnológico e de cunho interativo, mas também no contexto artístico contemporâneo onde existe uma relação de troca entre as obras e os observadores e também entre os próprios observadores e colaboradores dos projetos, sendo necessário que ocorra uma experiência e uma fruição, um momento de ir e vir entre o sujeito, a obra e as experiências artísticas surgidas a partir destas relações.

Quando mencionamos que as imagens são numerizadas entendemos que estas se projetam do ambiente físico para o ambiente digital, ou seja, mesmo existindo apenas em um espaço físico e material, através da tecnologia transitam entre dois mundos, passando a existir em duas realidades. A tecnologia permite que imagens, além de serem numerizadas, possam interagir com as imagens analógicas, ou seja, que ambas coexistam em dois ambientes distintos, o físico e o digital e, quando combinadas, proporcionem ao indivíduo interator diversas experiências sensoriais em ambos os espaços. Assim, a Realidade Aumentada (RA) integra informações virtuais (imagens, áudio, vídeo) a visualizações do mundo físico. Azuma (1997 *apud* BIANCHINI e SILVA, 2014) define RA como um sistema que combina elementos virtuais com o ambiente físico, sendo interativa, com processamento em tempo real e ainda é concebida em três dimensões. A RA permite que o usuário interaja com o ambiente digital de uma maneira realista, as cenas são alteradas conforme o comando do interator, tornando estas ações mais ricas e naturais propiciando uma sensação de engajamento e eficiência maior, integrando os dois ambientes em questão, físico e digital. Segundo Tori e Kirner:

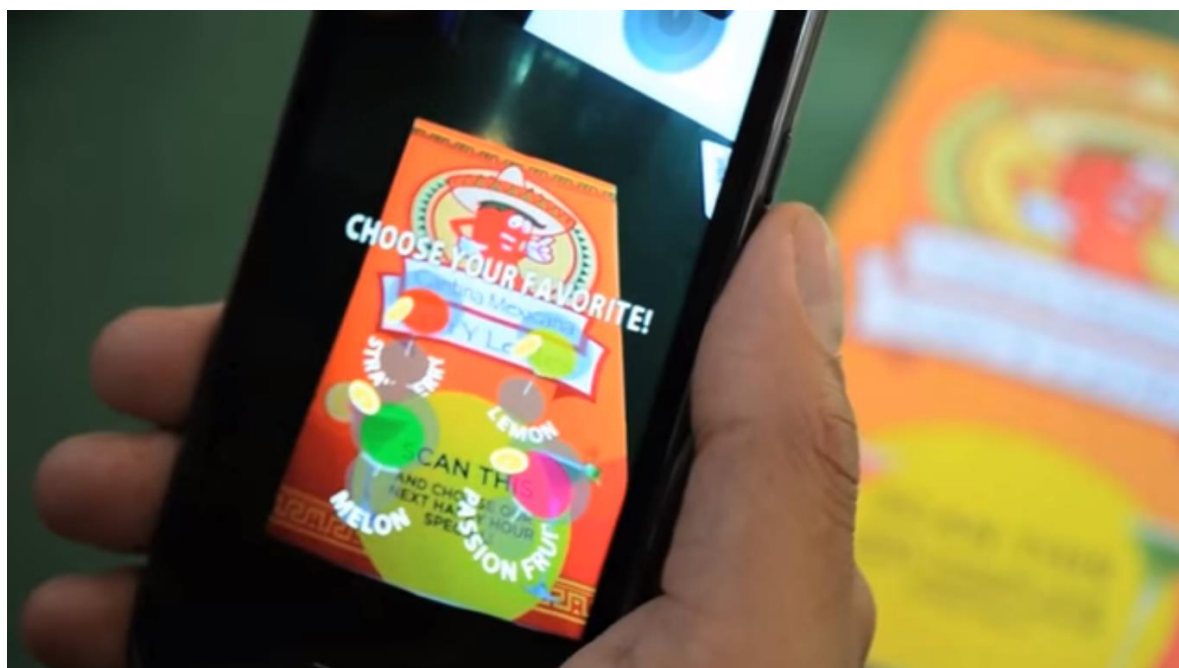
A Realidade Virtual (RV) é, antes de tudo, uma “interface avançada do usuário” para acessar aplicações executadas no computador, tendo como características a visualização de, e movimentação em, ambientes tridimensionais em tempo real e a interação com elementos desse ambiente (TORI e KIRNER, 2006, p. 5).

Com o intuito de hibridizar imagens do passado da cidade com as fotografias atuais busquei, através da plataforma Layar⁹ que permite interagir em tempo real com o objeto filmado, desenvolver possibilidades de interação para o usuário, assim a partir de uma única imagem outras tantas se revelam permitindo que ele possa conhecer e relacionar o passado e o presente da cidade de uma maneira mais atual e coerente com os avanços tecnológicos.

O Layar surgiu como um navegador de Realidade Aumentada, como um ambiente que envolve tanto a realidade digital quanto elementos do mundo físico, criando um ambiente misto e perceptível instantaneamente. Inicialmente o Layar possibilitava a criação de conteúdos vinculados somente a locais e espaços geográficos por possuir características de Bússola e GPS, porém os desenvolvedores adicionaram mais uma função para a plataforma elevando seu conceito de Realidade Aumentada. O Layar passou a criar códigos a partir de materiais impressos, com o diferencial que não é necessário apontar a câmera para um ponto específico da página para ter acesso ao conteúdo adicional, e sim para a imagem como um todo, recurso este utilizado para o projeto aqui apresentado. É possível direcionar o usuário interator diretamente para um vídeo, site ou informação adicional que se deseja transmitir, sem a necessidade da leitura de QR-Codes, que permitem a interação a partir da leitura somente do código e não do contexto em que ele esta inserido, por exemplo.

⁹ Fundada em 2009, Layar rapidamente ganhou atenção internacional como um dos primeiros navegadores de realidade aumentada móvel. A plataforma de desenvolvimento aberta atraiu milhares de programadores de todo o mundo para criar conteúdo RA tornando Layar a plataforma mais popular do mundo para a RA. Hoje a Layar é um líder global em Realidade Aumentada e interatividade impressa, ajudando a preencher a lacuna entre a impressão e mundos digitais. Os aplicativos móveis Layar e Blippar fornecem marcas com acesso a uma tecnologia ansiosas para "desbloquear" o mundo físico com experiências digitais. Fonte: <https://www.layar.com/about/>

Figura 39 Exemplo de interação a partir da Plataforma Layar.

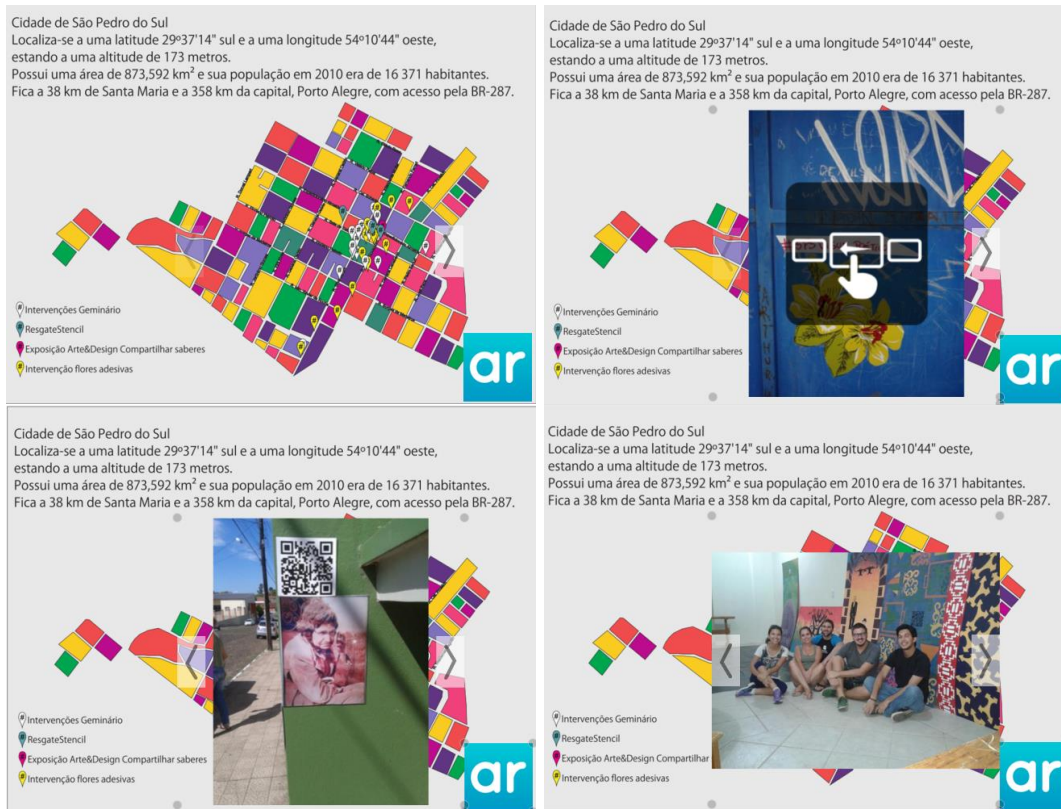


Fonte: <http://pplware.sapo.pt/internet/layar-vision-realidade-aumentada-em-tudo-o-que-existe/>.

Em algumas mostras artísticas coletivas realizadas em Santa Maria foram expostos projetos do presente estudo, com base na plataforma Layar, gerando no ambiente digital a interação do usuário com demais imagens, mostrando, assim, algumas ações e intervenções na cidade de São Pedro do Sul, bem como relações entre imagens atuais e antigas da cidade.

Neste exemplo, por meio da imagem do Mapa da Cidade de São Pedro do Sul com a identificação de onde aconteceram as intervenções na cidade e, após a leitura da imagem pela câmera do usuário, surgem digitalmente, na tela do aparelho, os registros fotográficos das intervenções urbanas realizadas.

Figura 40 Tela de visualização do aplicativo Layar.



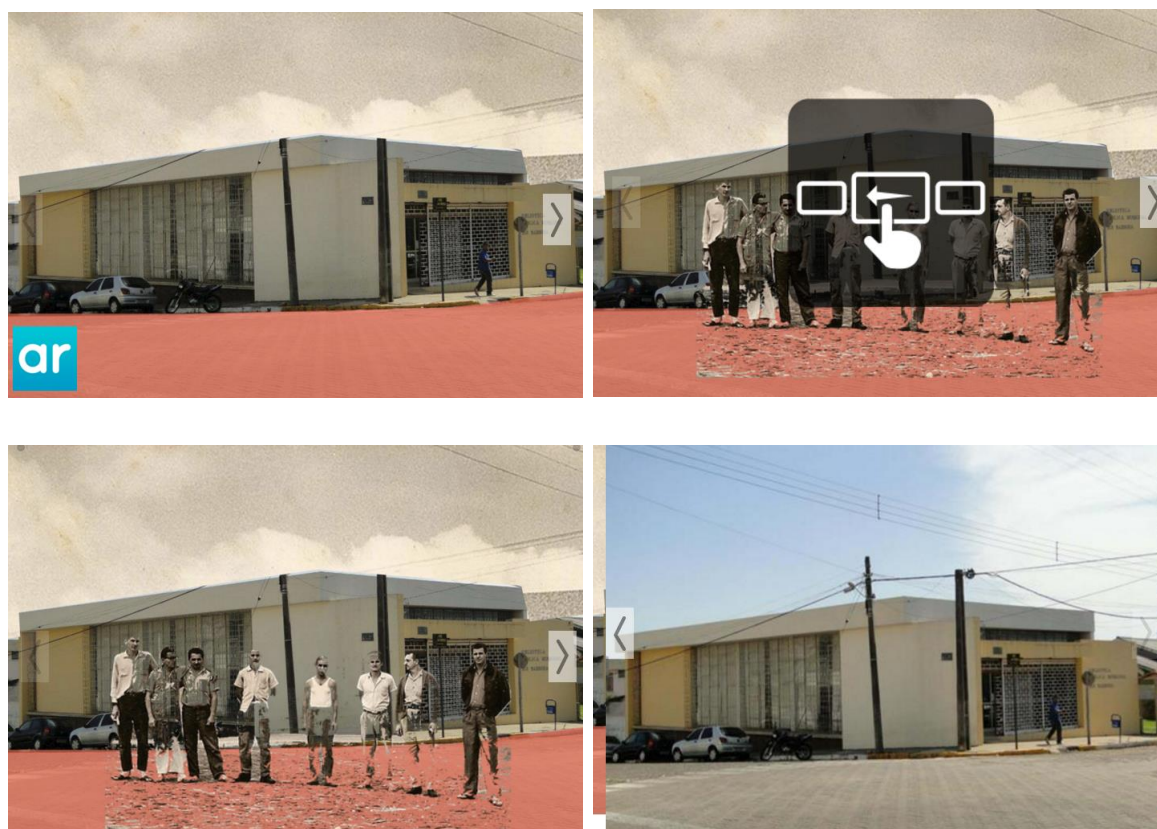
Através da imagem exposta no espaço físico com as informações de como interagir com o sistema Layar de Realidade aumentada o usuário acessa imagens que revelam hibridações entre algumas fotografias antigas e atuais da cidade.

Figura 41 Processo de interação com a plataforma Layar.



Na imagem exposta está a fotografia manipulada digitalmente da Biblioteca Municipal Rui Barbosa, onde, no aplicativo interativo, visualizamos a imagem de alguns antigos cidadãos são-pedrenses em frente a atual biblioteca; ao avançarmos a imagem a fotografia original da época da construção do prédio revela-se. A população conta que estes homens, ao findarem a construção, foram fotografados em frente ao prédio construído por eles. A imagem seguinte mostra a fotografia da Biblioteca atualmente.

Figura 42 Imagens em sequencia expostas no aplicativo Layar.



O processo de numerização, segundo Couchot (2003), permitiu à imagem a capacidade de interação, tanto com quem a gera, quanto com quem a observa, e a arte passou a utilizar-se desta interatividade. A tecnologia que numerizou as imagens deslocou o observador, que até então era vinculado ao status de receptor das obras, para o papel de interator, ou seja, algumas obras de arte contemporânea que utilizam das tecnologias passaram a estabelecer uma relação de interatividade

com quem as observa. A atividade artística que antes necessitava apenas do artista para existir passou a sentir a necessidade de outro responsável; desta maneira a obra de arte interativa só acontece a partir do relacionamento e da troca com o outro.

Hibridizar identidades, compartilhar a autoria e construir de maneira coletiva vem ao encontro do que Silva (2000) define como hibridismo quando menciona a combinação de identidades culturais que resultam em grupos renovados; estes se reforçam a partir das somas, construindo novos e amadurecidos projetos.

Sandra Rey (2012) relaciona os processos híbridos contemporâneos ao que ela menciona como *modus operandi*, explica que esta definição é na verdade um cruzamento onde os artistas devem proceder de maneira aberta sabendo lidar com os dados que a cultura contemporânea dispõe. Podemos entender que nestes dados estão incluídos também os sujeitos interatores, os também autores, porém desconhecidos que farão parte das obras a partir de sua relação com as mesmas. O artista, assim como sua obra, passa a ser um sujeito híbrido que, com base nas construções coletivas proporcionadas por ele aos observadores e espectadores. Neste contexto, ele próprio se reconstrói, utilizando-se deste repertório criado e construído, hibridiza-o aos seus repertórios de vida que embasam suas obras e projetos; assim, cria sempre algo novo que é construído a partir do que foi hibridizado ao passado.

Tomando por base esta hibridação a partir do coletivo podemos perceber que a arte, dependente da interação, possui resultados imprevisíveis, em cada ambiente exposto, a cada público com que se relaciona criará sempre novas consequências, tanto à própria obra quanto ao artista e aos observadores. A interatividade promove uma capacidade de renovação constante tendo em vista que não causarão as mesmas reflexões, não serão vistas pelas mesmas pessoas, não possuem um manual de como interpretá-la, mas, sim, possuem lacunas que dão liberdade para serem preenchidas.

Criar a partir da tecnologia, aliada ao propósito de uma autoria compartilhada revela a força que os processos híbridos possuem dentro do contexto artístico contemporâneo e pós-moderno. Neste sentido, percebemos que os antigos ideais de pureza foram consumidos pelas alianças criadas pelos desiguais. Na arte,

hibridizar e colaborar passou a significar mais “somas e trocas” do que “rupturas ou desqualificação”, permitindo que haja influências e que os saberes sejam coletivos, não mais individualizados. Adquirimos e dividimos conhecimento científico, tecnológico e habilidades interdisciplinares que irão construir em cada sujeito subjetividades individuais e coletivas que só são permitidas aos que possuem a oportunidade deste tipo de vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto que visou incentivar e criar intervenções artísticas com o intuito de aproximar a comunidade de São Pedro do Sul a vivências artísticas contemporâneas, ressignificando suas subjetividades por meio da interação e da colaboração, revelando a possibilidade de se fazer arte contemporânea, colaborativa e compartilhada distante dos grandes centros urbanos onde a arte se faz presente cotidianamente e intensamente.

A cidade proporcionou a pesquisa um estado de incentivo à produção artística, mostrando-se apoiadora de exposições e intervenções artísticas, principalmente por parte dos órgãos públicos municipais que abriram caminho para este tipo de produção dentro dos espaços expositivos e urbanos. Os projetos criados foram generosos com as pessoas envolvidas, pois abriram espaço para questionamentos sobre as necessidades da cidade, incentivando outras pessoas a criarem propostas artístico/culturais dentro do município. Percebe-se que mesmo com o amparo público e de demais projetos culturais sendo realizados, ainda existem muitos caminhos e brechas dentro do espaço artístico cultural do município que podem ser explorados, as necessidades e carências que a cidade tem são inúmeras, não apenas no campo das artes visuais, mas também de outras linguagens artísticas como a música, o teatro, a dança, a poesia, o cinema, há também a necessidade de que aconteçam outros movimentos, abrangendo palestras sobre diversos temas, novos espaços de lazer, movimentações comerciais, produções de eventos, são necessidades evidentes da população, porém deve haver motivação individual e coletiva para que estas ações deixem de serem ideias e se tornem realidade.

Os projetos desenvolvidos que envolvem tanto a cidade quanto o artista, que é um participante daquele espaço e do que está sendo desenvolvido, possuem o papel de ativar a cidade, revelando as possibilidades e potencialidades que estão presentes naquele espaço, mesmo que em alguns momentos latentes. Ativa-se a cidade quando convidamos seus moradores a partirem de suas histórias pessoais

para que elas ganhem vida, que retornem ao cotidiano da população, a história da cidade passa a ser contada diferentes laços, por novas vozes, e carrega consigo a identidade e a cultura daquela determinada população. Valorizar cada elemento que vem da memória de cada um faz parte de recriar a cidade a partir de cada experiência, criando um laço que une a história com o presente contemporâneo através da arte colaborativa.

A sociedade quando convidada visitou as exposições, interagiu através das redes sociais, mesmo conhecendo o projeto apenas distanciadamente, questionou, opinou, relatou suas vontades e desejos para as mudanças dentro do contexto cultural da cidade, porém ainda muito timidamente. Quando as redes sociais abrem brechas para a população ela deposita ali seus objetivos de sociedade ideal, seus desejos de projetos, porém quando convidada a exercer um papel ativo, dentro do contexto físico, onde são necessárias ações muito mais intensas do que as virtuais elas distanciam-se, revelam-se timidamente.

O projeto ResgateStencil teve a colaboração de seis pessoas comprometidas em fazer algo pela cidade e para si mesmos, pois todos tinham a carência de envolverem-se em grupos com ideais de mudanças e movimentação cultural assim como muitas outras de possuem um grau de escolaridade e acesso a informações bastante elevado e que não esta conformada com o que se tem como cultura ou desenvolvimento da cidade.

Percebo que por mais que exista uma sociedade com ideais de mudança ainda existe uma população fadada a conformar-se com a estagnação quando convidada a agir e mudar seu entorno, mesmo que ele seja pequeno. Existem pessoas e coletivos que conseguem conquistar uma parcela maior da população, porém estes grupos acabam sendo conhecidos e muito bem divulgados para que a credibilidade e aceitação aconteçam de uma maneira mais intensa, agregando aos trabalhos além de benefícios à cultura e a cidade também aos envolvidos direta ou indiretamente, há uma visibilidade maior que conquista os envolvidos e quem é convidado a conhecer as ações coletivas. Os grupos que possuem esta notoriedade normalmente estão consolidados há anos, o que favorece seu potencial artístico e de entendimento da população, pois a realização de ações constantes cria um percurso já reconhecido pela população e colaboradores.

As maneiras de se fazer arte compartilhada e colaborativa além de possuírem um papel de agregar cada vez mais pessoas com ideais semelhantes, como é o caso dos coletivos citados tem ainda o papel de congregar pensamentos universais que beneficiam aquele espaço que esta sendo trabalhado.

Este projeto de pesquisa abriu brechas para que em São Pedro do Sul continuem sendo realizadas ações em benefício da arte e cultura na cidade, a notoriedade que a população deu tanto as intervenções artísticas quanto as exposições foi satisfatória, porém acredita-se que elas podem ser intensificadas, pois a população já pode ter acesso às ideias iniciais de aproximação às ações contemporâneas, o que favorece ainda mais os objetivos futuros; idealiza-se a realização de ainda mais laboratórios de experimentações artísticas, intervenções urbanas coletivas, sessões de cinema e discussão, teatro, música, literatura e também a valorização e incentivo aos produtos locais, importantes construtores culturais das sociedades organizadas. A constante atualização de diferentes manifestações artísticas constrói dentro desta pequena sociedade uma necessidade de mobilização para que estas ações aconteçam, pois a própria população passa a perceber que o local em que se vive, em que se mora, as histórias que aquele lugar tem e os questionamentos que as pessoas possuem são temas a serem tratados e revelados a partir do contexto da arte e de ações culturais. Recriam-se a si e a todos que estão a sua volta bem como o contexto no qual estão inseridos.

As ações coletivas criaram em São Pedro do Sul um espaço para que a população pudesse notar o que até então estava sendo deixado de lado, a cultura da cidade e a visibilidade para as questões do município como tema de estudo e de ação. Perceber que características o município possui, para serem utilizadas como tema de trabalho é algo que devolveu a cidade para o eixo central das discussões e questionamentos, deixando de lado preocupações que de fato não pertencem a cultura popular de São Pedro do Sul. Há necessidade de um “bairrismo” para o fortalecimento e desenvolvimento, seja ele cultural, comercial ou social da cidade.

Criam-se a partir desta pesquisa redes de ações e colaborações, sejam elas com artistas pesquisadores, com entidades promotoras de eventos e públicas ou com a população esperançosa por novas ações e criações. O projeto que hora se encerra, por mais que em algum momento tenha se limitado, seja pela restrição de recursos e tempo para sensibilização e envolvimento da comunidade, traz consigo

muitos aprendizados baseados nas ações realizadas, e também criou uma gama de outros questionamentos e possibilidades de ações que ainda serão desenvolvidas baseadas em colaborações futuras, fruto destas ações desenvolvidas no projeto SPSSArteColaborativa que trouxe aos envolvidos coletivamente e à cidade de São Pedro do Sul vivências e experiências artísticas singulares aos seus processos de subjetivação pessoal e cultural.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nikastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ARANTES, Priscila. **@rte e mídia: perspectivas da estética digital**. São Paulo: Senac, 2005.
- BAUMAN , Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BIANCHINI, Calebe de Paula. SILVA, Luciano. Sistemas de Realidade Aumentada Móvel Suportados por Computação em Nuvem. In: **Tendências e Técnicas em Realidade Virtual e Aumentada**. XVI Simpósio de Realidade Virtual e Aumentada. Porto Alegre: Editora SBC, Sociedade Brasileira de Computação, 2010.
- BULHÕES, Maria Amélia. **Web arte e poéticas do território**. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisível Produções, 2015.
- CAMPBELL, Brígida. TERÇA-NADA!, Marcelo. **Intervalo, Respiro, Pequenos deslocamentos: Ações poéticas do Poro**. São Paulo: Radical Livros, 2011.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.
- Coletivo Poro**. Disponível em: <http://poro.redezero.org/>. Acesso em: 5 de outubro de 2015.
- COUCHOT, Edmond. **A Tecnologia na arte, da fotografia a realidade virtual**. Tradução Sandra Rey. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- Fanpage #SPSartecolaborativa**. Disponível em: <http://facebook.com/spsartecolaborativa.com>. Acesso em: 14 março 2015.
- HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- KINCELER, José Luiz; SILVA2, Leonardo Lima da; PEDEMONTE, Francis Albrecht. **ARTE COLABORATIVA: O COLETIVO LAAVA COMO UMA PLATAFORMA DE DESEJOS COMPARTILHADOS**. 2009. Disponível em: https://ciclo2009.files.wordpress.com/2009/11/jose-luiz-kinceler_arte-colaborativa-o-coletivo-laava-como-uma-plataforma-de-desejos-compartilhados.pdf. Acesso em: 15 fev. 2014.

KIRNER, Claudio. TORI, Romero. Fundamentos de Realidade Virtual. In: KIRNER, Claudio. TORI, Romero. SISCOOTTO, Robson. Fundamentos e **Tecnologia de Realidade Virtual e Aumentada**. Pré-Simpósio VIII Symposium on Virtual Reality. Porto Alegre: Editora SBC, Sociedade Brasileira de Computação, 2006.

LADDAGA, Reinaldo. **Estética da Emergência**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LISBOA, Tom. **Ação urbana lugar: Paraná**. Curitiba: Pulp Edições, 2013.

Marlene Bergamo, 2009, **registro fotográfico do trabalho desenvolvido por Monica Nador no Jardim Miriam em São Paulo**.

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2009/01/493861-artista-monica-nador-leva-cores-a-bairro-de-santo-andre.shtml>. Acesso em: 1 de junho de 2014.

Maroso, Elias Edmundo. **Contágios Poéticos no Espaço: por ações no contexto urbano**. Orientadora: Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, RS, 2014.

Muros: territórios compartilhados. Disponível em: <http://muros.art.br/>. Acesso em: 15 de novembro de 2015.

NADOR, Mônica; RIVITTI, Thais. RJEILLE, Isabella. **Mônica Nador**. São Paulo : Pinacoteca do Estado, 2012.

PEREIRA, Fernanda Camargo Guimarães. Superfícies: Novas fronteiras para o design. In. RIBEIRO, Juliana Pontes; MACIEIRA, Cássia. (orgs.). **Na rua: pós-grafite, moda e vestígios**. Belo Horizonte: Universidade FUMEC, 2007.

Plataforma Layar. Disponível em: <https://www.layar.com>. Acesso em: 12 de agosto de 2015.

PLAZA, Júlio. TAVARES, Mônica. **Processos criativos com os meios eletrônicos: Poéticas digitais**. São Paulo: Hucitec, 1998.

Projeto #SPSartecolaborativa. Disponível em: <https://marianabinato.wordpress.com/>. Acesso em: 15 março 2015.

Registro fotográfico do trabalho desenvolvido por Monica Nador no Jardim Miriam em São Paulo. <http://www.pparalelo.art.br/acoes/outros-lugares-seminario-e-conversa-com-artistas-no-map-bh/>

REY, Sandra. **Operando por cruzamentos – processos híbridos na arte atual**. Anais #11art 2012. Disponível em: [http://medialab.ufg.br/art/anais/textos/SandraRey\(2\).pdf](http://medialab.ufg.br/art/anais/textos/SandraRey(2).pdf) Acesso em: 12 de julho 2014.

RIBEIRO, Juliana Pontes. Margens urbanas, territórios fluidos. In. RIBEIRO, Juliana Pontes; MACIEIRA, Cássia. (orgs.). **Na rua: pós-grafite, moda e vestígios**. Belo Horizonte: Universidade FUMEC, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação. Um vocabulário crítico.** Belo Horizonte: Autentica, 2000.

Tom Lisboa. Disponível em: <http://sintomnizado.com.br/>. Acesso em: 23 outubro de 2015.

VALENTE, Agnus. **Útero portanto Cosmos: Híbridões de Meios, Sistemas e Poéticas de um Sky-Art Interativo.** Tese de Doutorado em Artes Visuais. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP, 2008. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F27%2F27159%2Fde-14052009-154333%2Fpublico%2F2119211.pdf&ei=IGzEU4WZB8O3yAS5kYH4BQ&usg=AFQjCNHpl_AHzJvB4Hdz1DlpkfIM258b7Q&sig2=2XAP36uRmrKZNLUMWyBpyw Acesso em: 10 de junho de 2014.

APÊNDICE A

REGISTROS DA MOSTRA EXPOSITIVA DAS PRODUÇÕES POÉTICAS RESULTANTES DA PESQUISA DURANTE A DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO, EM 28 DE MARÇO DE 2016 NA SALA CLÁUDIO CARRICONDE NO CENTRO DE ARTES E LETRAS DA UFSM.



Registros fotográficos da Ação Urbana Lugar realizadas em Bauru – SP e São Pedro do Sul – RS.



Registro de Game Art criado por Paulo Vitor Santos com referência na cidade de São Pedro do Sul – RS.



Tecidos criados com os colaboradores do Laboratório #resgatestencil.

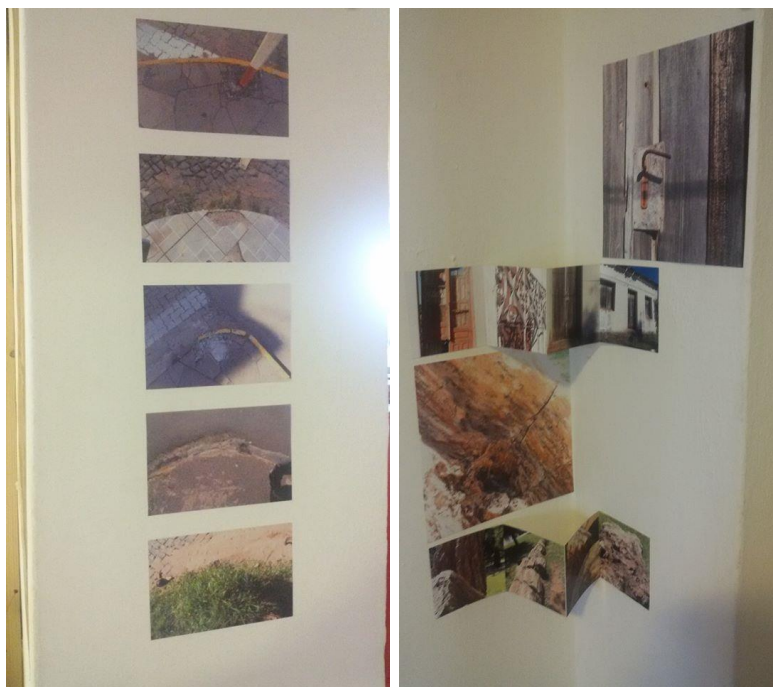


Painéis em maneira criados com os colaboradores do Laboratório #resgatestencil.

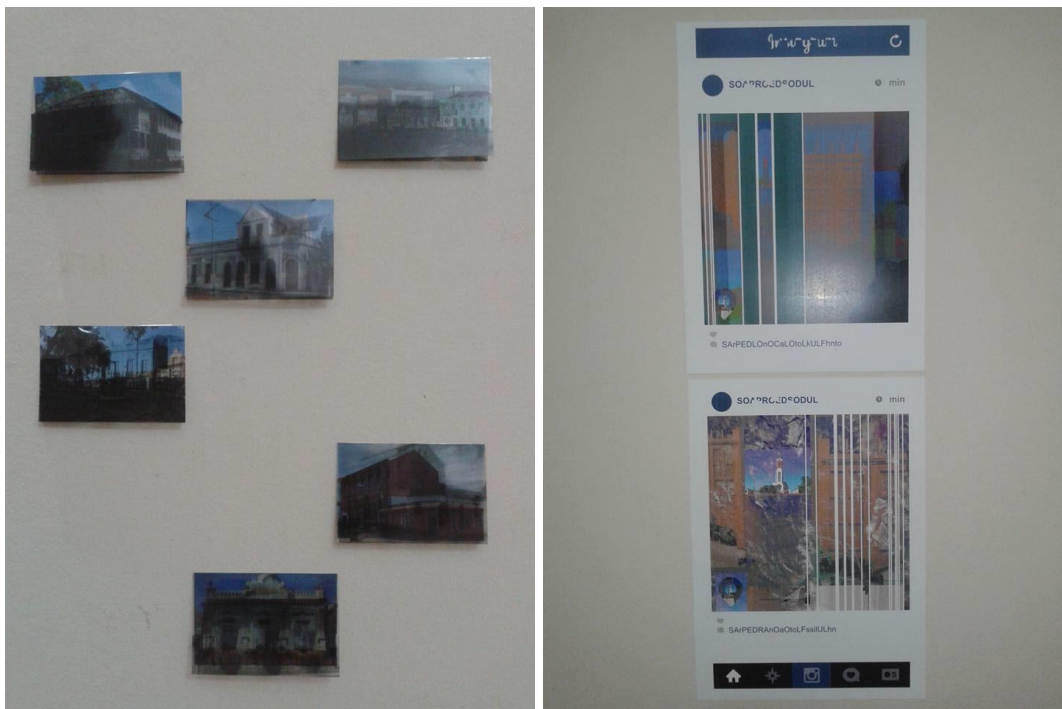
REGISTROS DA MOSTRA SÃO PEDRO EM ARTE



Material de divulgação da mostra São Pedro em Arte



Produções poéticas de Cristiane Ziegler e Reinilda Minuzzi respectivamente com base nas referências da vivência artística em São Pedro do Sul com o Grupo de Pesquisa Arte e Design.



Produções poéticas de Mariana Binato, Renato Kuhn, Paulo Vitor Santos e Reinilda Minuzzi respectivamente com base nas referências da vivência artística em São Pedro do Sul com o Grupo de Pesquisa Arte e Design.



Produções poéticas de Cíntia de Lima com base nas referências da vivência artística em São Pedro do Sul com o Grupo de Pesquisa Arte e Design.



Produção poética de Jenifer Rezer com base nas referências da vivência artística em São Pedro do Sul com o Grupo de Pesquisa Arte e Design.

APÊNDICE B

TEXTO COLABORATIVO

Co[laborar] e compartilhar territórios: a experiência estética urbana

Cíntia de Lima

Cristiane Ziegler Leal

Jenifer Rezer

Mariana Binato de Souza

Paulo Vitor Santos

Reinilda Minuzzi

Renato Kuhn

Wagner de Souza Antonio

A arte permite descobrir o que parece estar velado na trajetória pela cidade. Ela oportuniza uma sensibilização diante da história do lugar e dos detalhes daí advindos. Por essa perspectiva, as manifestações artísticas podem colocar a população local diante de contextos que acionam uma reflexão sobre sua própria identidade. Neste contexto, como parte de uma proposta artística, tornou-se muito válida a vivência realizada em São Pedro do Sul, visto que houve a oportunidade de não somente conhecer a cidade, mas, sobretudo, observar particularidades que, muitas vezes, passam despercebidas. Portas, calçadas, casas, igrejas, monumentos, tudo serviu de referencial para uma produção em artes visuais a partir da “poética” do local. Explorando visualmente texturas, cores, formas, temáticas entre tantas outras possibilidades, percebe-se que valorizar as cidades é também preservar o seu espaço de memória, principalmente, através da cultura artística que reflete a própria cidade. Vale lembrar, contudo, o que reflete Pierre Nora (1993 apud MOMBELLI e TOMAIM, 2012) acerca da memória que, conforme o autor, não existe mais; o que ficou foram os “locais de memória”, pois não há mais meios de memória.

A memória precisa ser transformada em algo tangível, palpável, traduzida em uma materialidade capaz de se opor a sua essência dicotômica que transita entre a lembrança e o esquecimento. [...]. Esses lugares podem ser materiais ou imateriais. São lugares carregados de uma vontade de memória, pois não é a memória em si, mas aquela apropriada, ressignificada, transformada em fonte para e pela história. Nestes lugares de memória, as pessoas se reconhecem, se identificam, criando um sentimento de pertença e de formação de identidade. (NORA apud MOMBELLI e TOMAIM, 2012, p. 48-49).

Por esse viés, toda a iniciativa que objetiva valorizar a cidade e mantê-la viva por meio da arte é bastante significativa. A cidade convida e os artistas também se sentem convidados a ver não somente com os olhos, mas com a sensibilidade de quem deseja cultivar o que São Pedro do Sul oferta. Isso é de fundamental importância para e na contemporaneidade artística.



Figura 1 – Fotografias da cidade de São Pedro do Sul. Fonte: Acervo do Autor

A arte contemporânea abre um campo de possibilidades para diferentes produções em arte. Assim, a vivência artística de forma colaborativa vem ao encontro do pensamento contemporâneo, onde muitas propostas acontecem em cooperação. Muitos grupos e indivíduos são envolvidos em projetos que visam, por meio do engajamento e comprometimento de todos, encontrar, como nesse caso, o que está nas entrelinhas de uma história a ser ressignificada por meio de olhares distintos e que se materializa através de exposições artísticas com base em referências da própria cidade, ou seja, suas imagens e como diz Georges Didi-Huberman (1998), a imagem é carregada de significados e diante dela não se consegue ficar indiferente.

Com a realização da vivência artística, as particularidades da cidade de São Pedro do Sul são ressaltadas a partir do momento em que são feitas pesquisas e trabalhos em torno dela. Assim, com olhares estrangeiros, ao conhecer e estar em contato com a cidade e seu cotidiano, percebe-se a riqueza da mesma, em sua história e sua essência, aspectos que, na maioria das vezes, acabam passando despercebidos pelos habitantes. Neste sentido, uma (co)laboração pelo viés da arte pode instigar positivamente a população a valorizar seu contexto e intensificar sua conexão com o local onde vive.

A importância do trabalho em coletivos está em abranger as percepções distintas de cada integrante, construindo um resultado que é a soma dessas visões particulares conectadas ao mesmo objetivo. As ações artísticas colaborativas na cidade tornam-se uma troca, ou seja, a experiência e a oportunidade de (co)operar com uma comunidade por meio da arte, trazendo novos olhares que contribuem para uma reconfiguração daquele espaço vivenciado o qual, de forma contínua, pode ser (re)conhecido pelos moradores da cidade.

Ao exercitar este olhar, o deslocar-se, em um novo local, pode resultar numa apreensão de detalhes da cidade que poderiam passar despercebidos à visão cotidiana. E assim, agregar-se numa possível produção e contribuição à experiência e vivência como artista transeunte. Isso se dá, recebendo influências desse meio, ou também interferindo e modificando o espaço local, por exemplo. Essas produções podem ser instalações, interferências, ou mesmo fotografias que carreguem consigo o registro daquele determinado espaço, transmitindo e repetindo registros em um outro ambiente físico ou virtual, agregando e relacionando valores daquele local e

tempo. Dessa forma, imagens/registros da cidade somam-se a uma bagagem de vivências, podendo gerar produções que transportem memórias da cidade para outros locais.

Neste contexto, as dinâmicas colaborativas, em um ambiente alheio ao convívio usual do grupo, desvelam o olhar conflitante entre o imaginário vazio do visitante frente a essa imersão e o volume factual do estar, do fazer-se presente. Identificando, nesse volume, semelhanças pessoais que não se permitem como um todo preencher os vazios do imaginário inicial, constituem, porém, espectros visuais que permeiam a produção e revelam mais que uma identidade ou leitura local. Permite a poética uma relação entre subjetividades, que o observador reconhece naturalmente na dinâmica, e o que é percebido, como subjetividade comum no volume estranho visitado (DIDI-HUBERMAN, 1998).

Os momentos ambivalentes vivenciados com/na cidade de São Pedro do Sul tornaram possível determinar uma cartografia afetiva inicial como coletivo, diante da cartografia geográfica oficial. Tal prática igualmente propicia uma reflexão que amplifique a afetividade de quem se faz presente cotidianamente. Isso ocorre fomentando as iniciativas artísticas locais com olhares instigados por suas minúcias e particularidades, compartilhadas e/ou percebidas, individualmente e coletivamente. Como referem Guattari e Rolnik (1993, p. 11), o inconsciente age em diferentes instâncias, formando micropolíticas guiadas pelo desejo. Os territórios ressignificados pelos desejos não são delimitáveis ou palpáveis, vivem em conflitos e, conforme a natureza da sua delimitação, tendem a se desestruturar. “Vivemos sempre em defasagem em relação a atualidade de nossas experiências”, como afirmam Guattari e Rolnik (1993, p. 12), o que leva a compreender que as experimentações artísticas dentro dessas micropolíticas colaboram para o mapeamento de desejos e para o registro de efêmeras experiências cotidianas.

Nesta perspectiva, a partir de um traçado (des)conhecido, enviado por um parceiro e também proponente de uma das ações compartilhadas no espaço urbano de São Pedro do Sul, foi experienciada parte da vivência pelo grupo de artistas, integrantes do GAD/Grupo de Pesquisa Arte e Design CNPq-UFSM.



Figura 2 - Mapa proposto para a Ação Lugar em São Pedro do Sul
Fonte: Acervo do Autor

Sendo assim, o grupo, como um coletivo, propôs, disponibilizou e realizou ações direcionadas ao contexto de uma comunidade e um espaço específico. As atividades emergiram do local e a ele retornam, através de manifestações diversas oriundas das próprias vivências, experienciadas e compartilhadas.

Sobre o assunto, vale lembrar as reflexões do filósofo e crítico de arte Reinaldo Laddaga. Abordando questões pertinentes à produção artística atual, menciona que “toda produção de arte é produção de mais de um”, ressaltando o fato de que os artistas operam também em relação ao que acontece em torno deles, ou mesmo para além de seu contexto, de seus círculos (LADDAGA, 2013, p. 15). Ou seja, sua produção reflete reações ao entorno e não se constitui somente a partir de práticas anteriores do artista. O autor remete, neste ponto, ao aspecto de que toda produção da arte é social, no entanto, refletindo acerca das complexidades de tal implicação, bem como na compreensão do social no contemporâneo, sobretudo a partir do pensamento do sociólogo Danilo Martuccelli (2007)¹⁰, acerca de novas formas de individualização. Laddaga destaca ainda, nas colocações do sociólogo, a ideia de que nada existe em cada sujeito que não seja produto das relações vividas,

¹⁰ “Sua consciência individual nunca foi tão social, sua experiência do social nunca foi tão individual”, MARTUCELLI, Danilo. *Forgé par l'épreuve. L'individu dans la France contemporaine*. Paris: Armand Colin, 2007, p. 278

o que remete a “viver em um mundo hipercomplexo sobre o qual nenhum dos atores possui controle”, com a consciência de se ter “um saber incompleto e inadequado sobre si mesmo” (LADDAGA, 2013, p. 28).

Em seu estudo anterior, de 2006², o autor reflete sobre a constituição de um novo regime prático das artes, gerando novas ecologias culturais, a partir das quais a produção artística se realiza através de comunidades experimentais, processos abertos e cooperativos, em espaços/laboratórios ao ar livre. Isso inclui o espectador como um colaborador ativo. Em tais processos produzem-se conexões e vínculos, reunindo campos diversos, operando, portanto, fora de um pensamento disciplinar. Essas produções são focadas nas interações com uma comunidade, na cooperação, na colaboração, no compartilhamento de saberes.

A vivência artística em uma comunidade vem a ser um passo primordial no caso de uma produção que privilegie o coletivo. Propõe um movimento de sair de si, visualizar e criar novas paisagens. Nesta ação, a paisagem visitada e vivenciada (e já o foi em momentos anteriores) provoca o gesto de um registro examinador, aquele que verifica, apreende, olha minuciosamente. Neste deslocar-se, parar em esquinas, não seguir e, depois, girar e prosseguir, de forma individual e coletiva, permitiu-se um desvelar de texturas, cores, padrões, geometrias, identidades e singularidades de um espaço que foi se reconfigurando em/nos olhares estrangeiros (Figura 3).

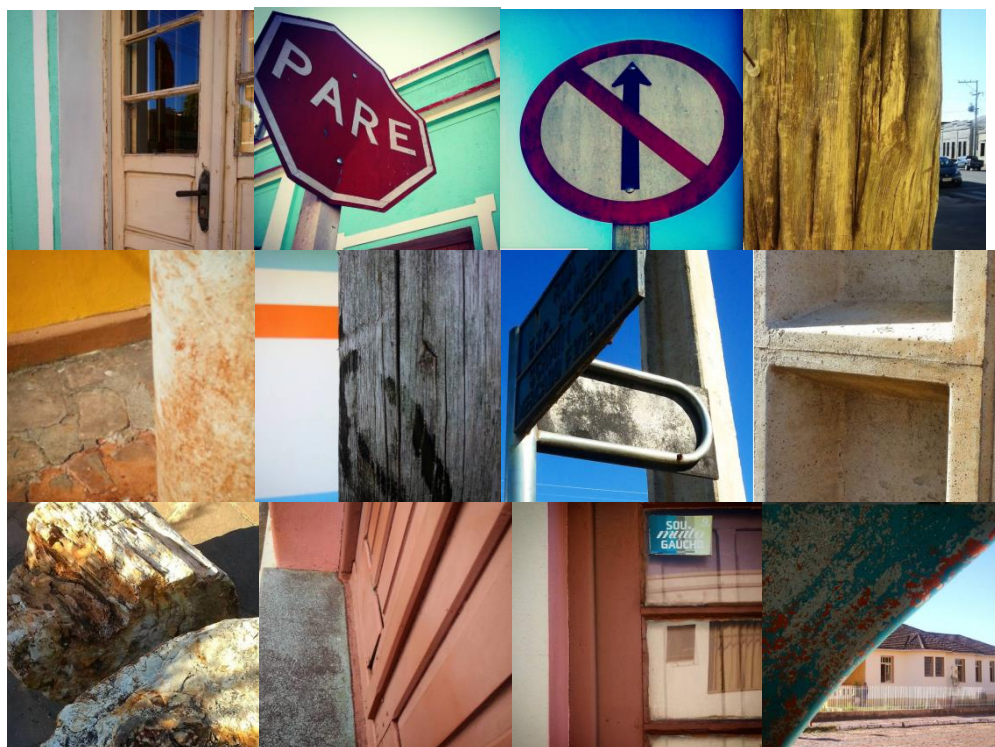


Figura 3 - Registros realizados em São Pedro do Sul. 2015, Reinilda Minuzzi.
Fonte: Acervo do Autor

Neste contato, as manifestações resultantes dialogam com a cidade, refletindo suas potencialidades, peculiaridades e valores, e, emprestando-lhe, provocativamente, novos recortes nas janelas de suas paisagens. Relacionam-se, assim, muitos dos envolvidos: o que capta a imagem, o que a observa, o que carrega seu significado histórico e cotidiano, o que a transforma continuamente por meio da dinâmica de seus desejos.

Envolvidos voluntariamente pelo entorno local, os participantes da vivência artística em São Pedro do Sul, que incluiu a Ação Urbana Lugar, tornam-se, primeiramente, receptores do que a cidade oferece como cenário imagético. Imersos no contexto urbano, a ação de registro individual e singular de cada envolvido é captada por dispositivos móveis que serviram como mediadores para apresentar diversos olhares de um lugar ímpar. Brunet (2008) define estas ações como “tomar parte voluntariamente em; interpor a sua autoridade; tornar-se mediador; interceder; ingerir-se; ser ou estar presente; assistir; participar”, estes projetos, na maioria das vezes, não possuem a intenção de transformar o espaço público, mas sim, de estar presentes neste espaço.

Nesta perspectiva, a vivência artística proposta em um ambiente urbano desconhecido, experienciada por integrantes do GAD/Grupo de Pesquisa Arte e Design CNPq-UFSM, mesmo sem ter resultado em intervenções com alterações do espaço físico de São Pedro do Sul, traz atenção para a cidade novamente. São olhares forasteiros, distanciados, os quais, revelando aos habitantes detalhes, sutilezas de formas, texturas e cores, desvelam, por exemplo, parte da riqueza visual presente em suas esquinas e ruas, em seus prédios, em seu viver. Tal interação com o lugar possibilita e oferta uma outra percepção do local, destacando seu potencial para o artístico, ao enxergar no urbano formas de se vivenciar a arte também em São Pedro do Sul.

Referências

BRUNET, K. Mídia locativa, práticas artísticas de intervenção urbana e colaboração. **Revista Comunicação e Espaço Público UNB**, v. 1 e 2, p. 211-222, 2008.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografia do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

LADDAGA, R. **Estética da Emergência: a formação de outra cultura das artes**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **Estética de Laboratório: estratégias das artes do presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MOMBELLI, N.F.; TOMAIM, C. S. Memória e identidade: um estudo preliminar sobre os usos e apropriações do passado nos documentários da TV Ovo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n.1, p. 45-61, jan/jun. 2012.

**Anexo A TERMO DE CONSENTIMENTO DOS
COLABORADORES DO LABORATÓRIO
RESGATESTENCIL**

**Anexo B TERMO DE CONSENTIMENTO MARIZA
POLENZ**